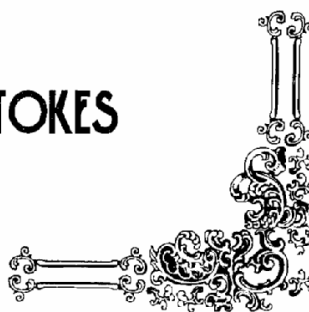


O
ESPÍRITO
SANTO

NA
HERANÇA
WESLEYANA

MACK B. STOKES



APRESENTAÇÃO

“O ensino do sábio é fonte de vida, para que se evite os laços da morte”.

(Pv 13:14)

É para mim um privilégio e, simultaneamente, uma grande responsabilidade receber da Igreja Metodista, através de sua casa editora Imprensa Metodista, a incumbência de apresentar esta obra: O Espírito Santo na Herança Wesleyana, de Mack B. Stokes.

O livro proporciona ao povo metodista e a todos os cristãos que procuram, por meio da leitura de boas obras, atualização e crescimento no conhecimento da vida cristã. O autor deste livro, Mack B. Stokes, já é conhecido através do seu clássico livro As Crenças Fundamentais dos Metodistas (Imprensa Metodista, 1992). A própria envergadura do conteúdo nos motiva a conhecer de perto o que o bispo Stokes tem a nos ensinar nesta obra que acaba de sair.

A última década deste milênio tem conhecido alguns fenômenos religiosos, que por suas características têm provocado desconfiança na maneira da Igreja Evangélica realizar sua tarefa missionária. Por sua vez, as Igrejas cristãs têm deixado de informar e formar os novos convertidos, a partir de uma perspectiva bíblico-teológica e pastoral, fortalecendo-os nos alicerces doutrinários, a partir da palavra do Deus Vivo nas Sagradas Escrituras.

A falta de balizamento para o desenvolvimento da vida cristã tem deixado conseqüências desafiadoras para qualquer previsão que se possa estabelecer na vida eclesial das igrejas que experimentam a dádiva da manifestação da graça de Deus, através do seu Espírito. Aliás, é o Espírito que move, dá segurança e desafia a Igreja em sua tarefa missionária. Alienar-se da efusão do Espírito é distanciar-se, completamente, do Deus que se revelou em Jesus Cristo. Por outro lado, a falta de conhecimento bíblico da presença do Espírito em toda a história da salvação, do Gênesis ao Apocalipse, tem produzido portadores de miopia cristã. Desta forma, a obra do Senhor perece e os Frutos não aparecem no tempo desejado, e por esta razão o Provérbio nos adverte: “O ensino do sábio é fonte de vida...”

É justamente para preencher a lacuna existente na vida do povo cristão em geral, e em particular do povo metodista, que a Igreja Metodista traz à luz a obra do bispo Mack B. Stokes.

Acredito que este livro não esgota a discussão sobre o tema. Nem desejamos que ele seja um “manual” sobre questões relativas ao Espírito Santo e à Igreja. Entendo sim, que o autor, sensível à voz do Espírito para a Igreja, escreve como pastor de almas preocupado em orientar, pastoralmente, todos aqueles que também desejam ouvir a voz do Espírito e se engajar na maravilhosa obra de formação de discípulos, a partir de uma genuína experiência religiosa que produz fruto por estar ligada à videira verdadeira.

É bem verdade que o bispo Mack B. Stokes escreve com a chama de um coração aquecido. Ele é cristão e servo do Senhor a partir da experiência wesleyana, ou seja, da prática da vida cristã da Igreja Metodista. Ele não é sectarista. O conteúdo do livro nos seus oito capítulos procura resgatar resumidamente as manifestações do Espírito de Deus em toda trajetória bíblica. Ele aponta esta manifestação a partir da herança

wesleyana que descobre riquezas bem vivas em sua própria forma de ser e, por sua memória ecumênica, se entrelaça com outras experiências que têm renovado a vida da Igreja durante sua história.

Entendo que nos dois últimos capítulos o autor com sua mente privilegiada analisa as questões relativas ao movimento carismático contemporâneo, realidade em todo o mundo, e nos oferece pistas pastorais para compreender, com clareza e humildade, estes movimentos que precisam ser compreendidos no contexto maior da trajetória da Igreja. No último capítulo sobre “O Espírito Santo e a Responsabilidade Social” o bispo Stokes trata com prioridade questões de fundo que devem ser entendidas à luz dos desafios sociais que geram instabilidade em todo cenário internacional, envolvendo questões sociais compreendidas como fruto da ação do Espírito — acredito que as orientações vão provocar nos leitores mudanças capazes de fortalecer o já comprometido e lançar na luta o apático.

Procurei durante a leitura e análise desta obra ser o mais neutro possível, já que é o nosso desejo que ela seja objeto de todos e por todos os que estão interessados em compreender a ação do Espírito Santo, a partir de uma herança histórica e de fé já vivida por uma Igreja. Assim sendo, este livro extrapola qualquer parâmetro que venha a ser estabelecido a partir da postura do leitor. O melhor é ler e estudar o texto visando um fim proveitoso sujeito a críticas e agregação de idéias, desde que as mesmas não prejudiquem o senso da questão.

Para alcançar as metas propostas pelo livro, você pode estabelecer diversas metodologias de estudo em sua comunidade. A obra não é para ficar em estante! Deve ser utilizada em diversas ocasiões de estudos em pequenos ou grandes grupos.

Continuo a crer que este livro concorre para dar apoio e esclarecimento a muitas questões que estão por aí, sem uma resposta profunda sobre a ação do Espírito na vida e missão da Igreja.

Minha esperança é que O Espírito Santo na Herança Wesleyana possa preencher o vazio existente sobre o tema referente à ação do Espírito na vida da Igreja Metodista e em outras Igrejas cristãs. Que a obra possa produzir em nós, e através de nós, uma experiência revitalizadora da presença gostosa do Espírito de Deus que sopra como vento.

“O ensino do sábio é fonte de vida...”

Geoval Jacinto da Silva
Bispo da Igreja Metodista na
Terceira Região Eclesiástica

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

O Espírito Santo no Antigo Testamento

CAPÍTULO 2

O Espírito Santo nos Quatro Evangelhos

CAPÍTULO 3

O pentecostes e Paulo

CAPÍTULO 4

O Espírito Santo e a Igreja

CAPÍTULO 5

O Espírito Santo
e a ênfase Wesleyana na Experiência Cristã

CAPÍTULO 6

Movimentos Históricos para a renovação da Igreja

CAPÍTULO 7

O Movimento Carismático contemporâneo

CAPÍTULO 8

O Espírito Santo e a Responsabilidade Social

INTRODUÇÃO

A Idéia de Deus caracteristicamente Cristã

Os cristãos sempre creram em um Deus único. Eles afirmaram o monoteísmo (a crença em um único Deus) em contraste a todas as formas de politeísmo (a crença em muitos deuses). Ao mesmo tempo, declararam, baseados na Escritura, que este Deus único deve ser compreendido como Pai, Filho e Espírito Santo. Assim, Deus é três em um. Esta é a doutrina da Trindade.

Muitos esforços já foram envidados para explicar esta doutrina. Alguns pensadores usaram a analogia de algo físico, como a água, para explicá-la. A água pode estar na forma de líquido, vapor ou gelo, mas sua fórmula química ainda é H₂O. Outros, incluindo Agostinho, tentaram explicar a Trindade em termos das nossas características pessoais. Considera-se que uma pessoa tenha três aspectos: o intelecto, o sentimento e a vontade. São três aspectos em um. Mas depois de esgotados todos os esforços para explicar esta doutrina, ela permanece um mistério. Deus é revelado como Pai, Filho, e Espírito Santo, mas como Deus pode ser três em um; isso não foi revelado.

João Wesley disse:

“Creio... que Deus é Três em Um. Mas a maneira como isso acontece eu não compreendo; e não creio nela. Agora, nisso, na maneira, está o mistério; e assim deve ser; não estou preocupado com ela; não é objeto de minha fé: creio apenas no que Deus revelou e em nada mais. Mas isto, a maneira, ele não revelou; deste modo, nada creio em relação a isto. Mas, não seria absurdo de minha parte negar o fato por não compreender a maneira como ele ocorre? Isto é, rejeitar o que Deus revelou, porque não compreendo o que ele não revelou?” (Do livro The Works of John Wesley, Volume VI, Zondervan Publishing House, 1959, página 204).

Nós não rejeitamos qualquer doutrina ou crença apenas porque ela envolve o mistério. Na verdade, estamos rodeados de mistério na vida diária. A própria vida é um mistério, mas nós a vivemos. Não sabemos como o corpo e a alma podem interagir um com outro. Mas que eles interagem, isso nós sabemos. A crença na Trindade é uma questão de fé baseada na revelação bíblica.

Praticamente falando, e esta era a principal preocupação de Wesley, a doutrina da Trindade significa que Deus revelou-se de três maneiras que influenciam diretamente nossas vidas como seres humanos.

Como Pai, Deus é nosso Criador, Sustentador e Provedor. Somos eternamente dependentes de Deus, que dá a todos “vida, respiração e tudo mais” (At 17:25).

Como Filho, Deus é o Redentor que perdoa os nossos pecados e nos leva a um relacionamento dinâmico e justo com Deus.

Como Espírito Santo, Deus se aproxima de nós, nos leva a Jesus Cristo e nos capacita a recebê-lo em nossos corações como Salvador e Senhor. O Espírito Santo nos consola, sustenta em toda boa obra, e nos une na comunhão viva dos crentes.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo estão misteriosamente inter-relacionados na sua unidade de ser e de propósitos em todas estas atividades. Mas Deus revela-se nestas diferentes atividades dinâmicas em relação a nós.

Assim, a Trindade significa que Deus relaciona-se conosco em três maneiras especificáveis. Tal relacionamento não é possível quando tentamos cultuar uma divindade de natureza inespecífica que não foi revelada neste ponto. A consequência da ênfase de Wesley acerca da importância prática da doutrina da Trindade repousa na sua crença de que aquilo que Deus revelou sobre si mesmo é vital. “Ela entra no próprio centro do Cristianismo: está na raiz de toda religião vital” (*Works, Volume VI, página 205*).

O Espírito Santo na Trindade

A obra do Espírito Santo deveria ser entendida dentro do contexto total da Trindade. Por quê? Porque de outro modo muito do que é importante na revelação bíblica se perde. Alguns cristãos se concentram tanto no Espírito Santo que perdem de vista a revelação divina como um todo. Precisamos entender que Deus é o Criador e Sustentador do Universo. Precisamos saber que Deus é o Redentor de todo o mundo dos seres humanos. A missão do Espírito Santo está diretamente relacionada com o propósito de Deus na criação e redenção.

A Bíblia ensina que Deus criou os seres humanos com um propósito. É plano de Deus que as pessoas apreciem a comunhão com ele enquanto trabalham ativamente no Reino de Deus. Deus agiu por meio de Jesus Cristo para salvar os perdidos e recriá-los para a comunhão e o serviço no reino de Deus. Por que o Espírito Santo? O Espírito Santo age para levar adiante este mesmo propósito de realizar todos os preciosos valores que Deus deseja para nós no Reino. Em toda esta atividade, a palavra-chave é propósito.

Deus jamais faz alguma coisa por acidente ou por acaso. Fomos criados e redimidos dentro de um propósito. Deus entra em nossas almas através do Espírito Santo com um propósito. E este santo propósito é único.

O propósito revelado de Deus para cada ser humano é: realizar valores morais e espirituais na comunidade tendo Jesus Cristo como Salvador e Senhor e pela presença e poder do Espírito Santo. Em outras palavras, o propósito de Deus é estabelecer o Reino através do poder do Espírito Santo que age em nós. O Espírito Santo é, por natureza, dinâmico e intencional, e age para nos levar até o Salvador e nos capacitar para a missão. Todos os dons e manifestações do Espírito Santo, sejam universais ou especiais, visam um “fim proveitoso” (1Co 12:7). Dentro das igrejas estes dons são para o estabelecimento do “corpo de Cristo” (12:27). Fora das igrejas são para a bênção das pessoas em casa e no trabalho e para fazer discípulos em toda a parte.

O Espírito Santo é Deus manifestando-se de maneiras importantes e especiais em nosso favor. Como disse Wesley:

“Pela fé sei que o Espírito Santo é o doador de toda a vida espiritual, é o doador da justiça, da paz, da alegria no Espírito Santo; da santidade e da felicidade, pela restauração da imagem de Deus, por meio de quem somos criados”. (*Works, Volume VII, página 233*).

CAPÍTULO 1

O Espírito no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a principal palavra usada para se referir ao “espírito” é *ruach*. Literalmente, significa “vento” ou “sopro”. Às vezes significa “vida”. Quando usada em relação a Deus, a palavra sugere o admirável poder e energia de Deus em ação neste mundo. Às vezes esta energia do Espírito de Deus é específica; às vezes é universal ou geral. Mas é sempre de acordo com a decisão de Deus. Na sua mais alta expressão, o Espírito é moral e compassivo (Isaías 61:1-4; Zacarias 4:1-10).

Na sua expressão mais intimamente pessoal, afirma-se que o Espírito de Deus conhece a alma humana e está sempre ao seu lado (Salmo 139). É importante lembrar que o envolvimento de Deus com as pessoas é expresso também sem o uso da palavra *ruach*. Lemos sobre o dedo de Deus, a mão, o braço, o nome, a glória, a Palavra, os mensageiros de Deus. O Deus do Antigo Testamento é, portanto, o Espírito que vive e age no aqui e agora.

Consideremos os meios pelos quais o Espírito de Deus agiu e continua a agir.

O Espírito na criação e na providência

A revelação mostra que Deus está em ação dinâmica no universo. O primeiro relato da criação diz: “O Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gênesis 1:2).

De acordo com o Antigo Testamento, Deus é dinâmico, ativo e está radicalmente envolvido em todo o reino da natureza.

Assim, os escritores bíblicos opõem-se à visão de que Deus está totalmente acima e além do mundo criado. Alguns teólogos, desde os tempos antigos até os atuais, disseram que Deus é demasiadamente grande e perfeito para se envolver neste universo. Mas a Bíblia não ensina isso.

A visão bíblica também contrasta com o deísmo (a idéia de que Deus criou o universo e o deixou correr por conta própria). O deísmo afirma corretamente o Criador, mas deixa escapar o fato de que Deus criou o mundo com um propósito — ou um conjunto de propósitos — a ser realizado. Por isso as contínuas energias criativas de Deus são necessárias. Os escritores bíblicos reconheceram este fato.

Lemos que Deus é aquele que “estende os céus como cortina” (Isaías 40:22). Deus governa como “rei de toda a terra” (Salmo 47:7). As energias de Deus tocam os “céus dos céus” (Salmo 148:4) e renovam a face da terra (Salmo 104:30). Nas mãos de Deus estão as profundezas da terra e do mar (Salmo 95:4-5). Os ventos são mensageiros de Deus; o fogo e a chama, seus ministros (Salmo 104:3-4). Deus dá o sol para a luz do dia e estrelas para a luz da noite (Jeremias 31:35). Deus envia a chuva e provê a base para a agricultura (Levítico 26:4; Deuteronômio 11:14; Deuteronômio 28:12; Jó 5:10; Salmo 65:9-10; Salmo 68:9; Salmo 104:10-13; Salmo 147:8; Jeremias 14:22). E Jesus continuou esta herança do Antigo Testamento (Mateus 5:45).

Deus, portanto, criou e cria. Deus está radicalmente envolvido em todo o reino da natureza e este envolvimento tem ligação direta com o envolvimento de Deus conosco.

Ao mesmo tempo, os escritores bíblicos jamais se enganaram com o panteísmo, a crença de que Deus é tudo o que existe. Embora intimamente relacionado com o universo, Deus é muito mais que a soma total das coisas. Esta verdade é afirmada ou sugerida através de todo o Antigo Testamento. Ela é afirmada com sublime inspiração em Jó, capítulos 38 a 42. O Novo Testamento nos diz que Deus “é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Efésios 4:6; veja também Atos 17:24-28; Romanos 1:19-20; Romanos 11:36; 1Coríntios 8:6). E estas palavras foram anunciadas pelos inspirados autores do Antigo Testamento.

Em resumo, uma das afirmações mais características do Antigo Testamento é que Deus está sempre em ação em toda a terra e universo. Tudo pertence a Deus. Pois “ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém...” (Salmo 24:1; veja 1 Coríntios 10:26).

O Espírito em ação no povo de Israel

Neste contexto, os inspirados escritores do Antigo Testamento levam-nos à sua ênfase principal: a obra do Espírito de Deus nos seres humanos. O ensinamento acerca de Deus como Senhor do universo nos fornece a atmosfera na qual a ação do Espírito na história humana pode prosperar. O mesmo Deus que criou o universo e todas as criaturas tomou a iniciativa de realizar seu grande propósito em todas as pessoas e através delas. O Espírito de Deus as criou. Como lemos no Livro de Jó:

“O Espírito de Deus me fez;
e o sopro do Todo-poderoso me dá vida”. (Jó 33:4)

Imagine! O Deus do universo — o Criador e Sustentador — está sempre tomando a iniciativa em nosso favor. Este revelado tema do amor doador de Deus

começa no Antigo Testamento onde lemos sobre o Espírito de Deus em ação entre as pessoas.

A principal preocupação do Espírito de Deus era tornar justas as pessoas. Vez por outra o Espírito movia-se súbita e inesperadamente nos profetas e entre o povo. Mas o Espírito de Deus não era revelado como poder bruto, mas como poder com força moral.

“Ai dos filhos rebeldes, diz o Senhor, que executam planos que não procedem de mim, e fazem aliança sem a minha aprovação, para acrescentarem pecado sobre pecado”. (Isaías 30:1)

Mais adiante, no Livro de Isaías, um grande profeta diz:

“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu, para pregar boas novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos”. (Isaías 61:1)

O profeta Miquéias expressou esta mesma preocupação moral.

“Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, cheio de juízo e força, para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado”. (Miquéias 3:8)

Também os salmistas sentiram o Espírito de Deus levando-os a refletir esta paixão pela justiça.

“Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável. Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito”. (Salmo 51:10-11)

E novamente:

“Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus: guie-me o teu bom Espírito por terreno plano”. (Salmo 143:10)

Zacarias resume este tema magnificamente nas conhecidas palavras:

“Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (4.6).

Juntamente com a revelação da preocupação de Deus em levar a justiça aos corações do povo de Israel vieram manifestações especiais do Espírito. Por exemplo, o Espírito de Deus concedeu ao povo habilidades especiais, incluindo os talentos artísticos. Sobre Bezalel, lemos:

“Enchi-o do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência, e de conhecimento, em todo artifício, para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, em bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, para toda sorte de trabalhos” (Êxodo 31:3-5; veja também 35:31-35).

Mais uma vez, o Espírito concedeu habilidade de liderança a indivíduos escolhidos. O Espírito estava em Moisés e através dele desceu sobre os setenta anciãos que o ajudaram a levar “a carga do povo” (Números 11:17). Josué deveria suceder a Moisés porque o Espírito estava nele (Números 27:18). O Espírito desceu sobre Otoniel para ajudá-lo a ser um bom juiz em Israel (Juízes 3:10). O Espírito de Deus estava em ação em Gideão (Juízes 6:34) e em Jefté (Juízes 11:29). Até a gigantesca força de Sansão veio do Espírito de Deus (Juízes 14:6).

Quando Saul foi escolhido para ser o primeiro rei de Israel, Samuel lhe disse: “O Espírito do Senhor se apossará de ti, e profetizarás... e serás mudado em outro homem” (1 Samuel 10:6; 1 Samuel 11:6). Da mesma forma, “o Espírito do Senhor se apossou de Davi” que sucedeu a Saul (1 Samuel 16:13, 1 Samuel 23:1-2). Na verdade, os únicos líderes genuínos em Israel foram aqueles que estiveram sob a influência do Espírito.

O Espírito de Deus inspirou os profetas. Considere o caso de Ezequiel. As experiências de êxtase deste profeta foram atribuídas ao Espírito. O Espírito o comissionou para que fosse até o povo de Israel e lhe dissesse que tinha pecado e se afastado de Deus (Ezequiel 2.2-3). Ezequiel disse: “Caiu, pois, sobre mim o Espírito do Senhor (Ezequiel 11:5). Frequentemente Ezequiel fala do Espírito levantando-o (Ezequiel 3:12, 14; Ezequiel 8:3; Ezequiel 11:1, 24; Ezequiel 43:5). Sob a influência do Espírito, Ezequiel entregou ao povo a promessa de Deus: “Dar-vos-ei coração novo, e porei em vós espírito novo... Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (Ezequiel 36:26-27).

O Espírito de Deus também estava no povo de Israel. O Senhor fez uma aliança com este povo, dizendo: “O meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre” (Isaías 59:21; veja também Neemias 9:20; Ageu 2:5). Esta crença de que o Espírito de Deus tinha escolhido o povo de Israel para uma missão especial no mundo foi um fator primordial no pensamento de Israel desde o grande evento do êxodo.

Deus prometeu enviar um futuro líder do povo, da linhagem de Davi, que seria dotado do Espírito.

“Do tronco de Jessé sairá um rebento,
e das suas raízes um renovo.
Repousará sobre ele o Espírito do Senhor,
o Espírito de sabedoria e de entendimento,
o Espírito de conselho e de fortaleza,
o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor”.
(Isaías 11:1-2)

Esta promessa era para todo o povo de Israel e para todo o mundo. Em Isaías 42:1, 4 lemos:

“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho;
o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz;
pus sobre ele o meu Espírito,
e ele promulgará o direito para os gentios...
Não desanimará nem se quebrará
até que ponha na terra o direito;
e as terras do mar aguardarão a sua doutrina”.

Em Isaías 63:7-9 também encontramos a visão do Espírito de Deus em ação na longa e turbulenta história de Israel.

“Celebrai as benignidades do Senhor
e os seus atos gloriosos,
segundo tudo o que o Senhor nos concedeu,
e a grande bondade para com a casa de Israel...
Porque ele dizia: Certamente eles são meu povo...
Em toda a angústia deles foi ele angustiado,
e o Anjo da sua presença os salvou;
pelo seu amor, e pela sua compaixão ele os remiu,
os tomou e os conduziu todos os dias da antiguidade.

Embora o povo tenha sido rebelde e tenha entristecido o seu Espírito Santo (veja Isaías 63:10), Deus lembrou os dias do passado, os dias de Moisés e do êxodo, e foi novamente revelado como o Pai e Redentor de Israel.

Em Isaías 63:10-11 encontramos duas das três ocasiões no Antigo Testamento em que as palavras Espírito Santo aparecem juntas. A única outra referência está no Salmo 51:11.

Uma das coisas mais importantes no Antigo Testamento é a promessa do futuro derramamento do Espírito sobre o povo. O Espírito de Deus inspirou os escritores a procurar pelo Messias (veja Isaías 11:1-2). O Espírito de Deus fará reviver os ossos dos mortos (referindo-se a Israel em cativeiro na Babilônia — Ezequiel 37:1-4). Por isso o Senhor disse a Ezequiel: “Porei em vós o meu Espírito, e vivereis” (Ezequiel 37:14). O Espírito será derramado sobre a casa de Israel (Ezequiel 39:29).

O profeta Joel deu a esta promessa sua suprema expressão no Antigo Testamento. Ele visionou o derramamento do Espírito sobre todas as pessoas. E profetizou:

“E acontecerá depois
que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne;
vossos filhos e vossas filhas profetizarão,

vossos velhos sonharão,
e vossos jovens terão visões”. (Joel 2:28)

Joel acrescentou: “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (versículo 32). Desta maneira, Joel preparou o caminho para o futuro entendimento cristão de que todas as pessoas que abrissem suas vidas a Deus se encheriam do Espírito Santo.

Importância para a nossa renovação espiritual

O principal ponto a se lembrar sobre o ensinamento do Antigo Testamento acerca do Espírito é que o Espírito de Deus tomou a iniciativa de se envolver continuamente na natureza e nas vidas das pessoas. Deus não é uma divindade distante e indiferente que existe na serena atmosfera da despreocupação.

O Deus do Antigo Testamento não apenas criou o universo e os seres humanos, mas também se preocupa com todas as criaturas. Na verdade, tanto em relação à natureza quanto em relação aos seres humanos, Deus é afetado pelo abuso da natureza e pelo mau viver. Deus realmente sofre por causa do abuso dos recursos naturais e pelos nossos pecados. Deus sofre e sente-se insatisfeito com o nosso desafio. A idéia de que Deus não tem sentimento, raiva ou compaixão é contrária ao ensinamento do Antigo Testamento.

Deus agiu através dos profetas e de outras pessoas para nos avisar e nos mostrar que jamais abandonará ⁽¹⁾ a humanidade. Deus revelou sua determinação de usar a história humana como base de operações. Deus é um Espírito ativo, dinâmico e revitalizador que está voltado para o reino. E Deus está convidando o povo de Israel a se juntar a ele.

Assim, baseados na revelação no Antigo Testamento, podemos estar certos de que Deus se preocupa conosco. Além disso, ele nos faz exigências, nos desafia e está ansioso por tomar a iniciativa de nos ajudar em nossa vida diária. E Deus nos faz grandes promessas com as quais podemos enfrentar o futuro com confiança.

Deus é misteriosa e maravilhosamente afetado pelo universo e suas criaturas. O Livro de Gênesis nos diz que após cada estágio de ação criativa de Deus, ele viu que o que tinha feito era bom (Gênesis 1:4, 10, 12, 18, 21, 25). Depois de criar os seres humanos, Deus olhou para eles, e para tudo o que tinha feito, *“e eis que era muito bom”* (Gênesis 1.31). As criaturas que Deus fez — e a criação como um todo — deram-lhe grande prazer e satisfação.

Como tudo isso se relaciona com nossa renovação espiritual? Primeiramente, esta perspectiva geral sobre o interesse de Deus por nós deu uma profunda contribuição à literatura devocional de Israel. Podemos perceber por que a idolatria foi proibida em Israel. Não era permitida uma única estátua de Deus.

Como se poderia criar uma estátua do Deus dinâmico, energizante, atuante, interessado? Quem pode entalhar ou fazer uma estátua do Deus vivo?

Os salmistas nos ensinaram, mais do que quaisquer outros, como entoar louvores e dar graças a Deus. Eles sabiam que Deus se comprazia na fidelidade humana (veja Salmos 19 a 34; 100, 103; e assim por diante).

Os salmistas sabiam também que Deus sente-se profundamente magoado quando as pessoas praticam o mal e desobedecem (veja, por exemplo, Salmo 1:4-6; Salmo 2:11; Salmo 5:4-6; Salmo 9:5-6; Salmo 37:10-20; Salmo 53:2-4). Sabiam também que Deus reage às necessidades manifestas e às orações das pessoas (Salmo 37:5; Salmo 55:22; Salmo 91:1-11, e daí por diante).

Esta compreensão do Espírito de Deus no Antigo Testamento nos leva a agradecer, obedecer e glorificar a Deus; pois o nosso mais profundo senso de alegria e realização vem do seu amor e poder. No propósito de Deus para nós encontramos o verdadeiro propósito para nós mesmos.

Assim, o Antigo Testamento estabeleceu os fundamentos sobre os quais se erigiu o futuro entendimento do Espírito. E nos ensina hoje, de uma maneira maravilhosa, a nos tornarmos intimamente relacionados com o nosso Criador e Sustentador. Cada um de nós tem dentro de si um misterioso anseio por conhecer e amar aquele que nos fez. Ansiamos por isso, oramos por isso. E a visão de Deus, fornecida pelos inspirados escritores do Antigo Testamento, nos capacita a ver a sua glória e presença.

No Antigo Testamento conscientizamo-nos de como Deus nos encontra em nossas mais profundas necessidades, nas profundezas de nossa solidão e desespero, nos momentos de dor, tristeza e tragédia, para as quais não temos palavras adequadas.

“Das profundezas clamo a ti, Senhor. Escuta, Senhora minha voz: estejam alerta os teus ouvidos às minhas súplicas”. (Salmo 130:1-2)

Finalmente, no Antigo Testamento aprendemos que às vezes Deus age de maneiras inesperadas para nos abençoar. O Espírito de Deus age através da ordem natural, mas não está limitado à esfera das leis naturais. Estas leis foram estabelecidas por ele. São leis constantes. Além disso, Deus entra em nossas vidas com bênçãos — freqüentemente surpreendentes — a partir de seus vastos recursos sobrenaturais.

NOTA DA EDIÇÃO ON LINE:

- (1) Na página 13 a palavra “abandonará” substituiu a palavra “perdoará” do original publicado em papel publicado pela Imprensa Metodista em 1995. Em inglês, essa frase é “*God acted through the prophets and others to warn us and to show us that he will never forsake humanity*”. Durante a tradução, portanto, houve confusão do verbo *to forsake* com o *to forgive*, que significa perdoar. O verbo correto (*to forsake*), segundo o dicionário inglês/português de Antônio Houaiss, significa deixar, desamparar, desertar, abandonar, desistir de, renunciar a. Daí a correção na presente edição.

(2)

. Certamente houve um erro no processo (da tradução à editoração e publicação do livro) ao se afirmar que Deus “jamais perdoará a humanidade”. Se ficasse como estava era uma contradição ao que estava no parágrafo, no capítulo, no livro. Oposto ao que nós metodistas cremos e com tudo o que está na Bíblia, a Palavra do Senhor.

CAPÍTULO 2

O Espírito Santo nos Quatro Evangelhos

Vimos que o Antigo Testamento nos ensina que o Espírito de Deus está continuamente se relacionando conosco. Este ensinamento é da maior importância para a religião essencialmente experimentada. Além disso, prepara o caminho para a futura compreensão do Espírito Santo que aguardava a vinda de Jesus Cristo.

No nascimento de Jesus

Os Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) estão preocupados primeiramente com Jesus, e não com o Espírito Santo. No entanto, o Espírito Santo é visto como dinamicamente em ação no nascimento e na vida de Jesus. Na realidade, nestes Evangelhos começamos a perceber a conexão entre o Espírito Santo e Jesus.

De acordo com Mateus e Lucas, o Espírito Santo agiu na concepção de Jesus (Mateus 1:18, 20; Lucas 1:35). De certo modo, o Espírito Santo tomou a iniciativa, dentro de um propósito tremendamente importante, de iniciar os novos tempos do Reino de Deus através de Jesus Cristo.

O Espírito Santo encheu Zacarias, pai de João Batista, e ele profetizou sobre João, dizendo: *“Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos”* (Lucas 1:76).

Da mesma forma, quando Isabel, grávida, viu Maria, encheu-se do Espírito Santo e exclamou em alta voz: *“Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre!”* (Lucas 1:42).

Novamente, o Espírito Santo desceu sobre Simeão, um homem devoto de Jerusalém, e lhe revelou que não morreria sem ver o Cristo. Inspirado pelo Espírito, Simeão foi até o templo e lá viu José e Maria com o menino Jesus. Então tomou a criança em seus braços e bendisse a Deus, dizendo: *“Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação”* (Lucas 2:29-30).

Assim, desde o início os inspirados escritores nos diziam que a ação sobrenatural do Espírito Santo estava em ação na vinda de Jesus ao mundo.

Na vida de Jesus

O Espírito Santo também agiu de maneiras especiais na vida de Jesus.

O Espírito desceu sobre ele na forma de uma pomba durante o seu batismo (Mateus 3:16; Marcos 1:10). Naquele momento uma voz dos céus disse: *“Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo”* (Marcos 1:11).

É interessante notar a diferença entre a ação do Espírito em relação a João Batista e Jesus. No caso de João, o Espírito Santo simplesmente levou adiante a obra preparatória dos profetas do Antigo Testamento. Pois João foi o último na linhagem daqueles que foram guiados pelo Espírito para preparar o caminho para o Messias. Portanto, não foi por acaso que Lucas referiu-se às palavras de Isaías em relação à missão de João: *“Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor”* (Lucas 3:4).

O próprio João sabia que esta era a sua missão. Quando as pessoas lhe perguntavam se era o Cristo, ele respondia: *“Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”* (Lucas 3:16).

Os inspirados escritores de Mateus, Marcos e Lucas deixaram claro em suas obras que a ação do Espírito Santo não poderia ser desvinculada da missão de Jesus Cristo como Salvador do mundo.

O Espírito estava presente com Jesus quando ele foi tentado no deserto (Marcos 1:12-13; veja também Mateus 4:1; Lucas 4:1). As tentações de Jesus foram reais e ameaçadoras. Ele foi tentado como nós somos (Hebreus 4:15) e até de maneira mais forte. E foi vitorioso. John Milton disse acertadamente em seu livro *Paradise Regained* (O Paraíso Recuperado) que não tivesse o nosso Senhor obtido a vitória durante aqueles quarenta dias no deserto, não teria havido Getsêmani, Calvário ou Páscoa.

Jesus retornou à Galiléia *“no poder do Espírito”*. E as pessoas eram grandemente tocadas e abençoadas por sua obra entre elas (Lucas 4:14-15). Jesus *“exultou no Espírito Santo”* quando os setenta discípulos retornaram de sua missão evangelística (cf. Lucas 10:21). E evidentemente os primeiros cristãos concordavam com Pedro, que disse a Cornélio: *“Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele”* (Atos 10:38).

E o próprio Jesus estava consciente da presença do Espírito ao seu lado em seu maravilhoso ministério aos pobres, cativos, cegos, e oprimidos (Lucas 4:18-

21). Assim, o Espírito Santo movimentava-se através dele com compassiva preocupação com a justiça e a libertação aos necessitados.

O que Jesus ensinou sobre o Espírito Santo

Desde os tempos antigos, o Evangelho de João tem sido chamado de “*Evangelho espiritual*”. Todos os Evangelhos são espirituais, mas no quarto Evangelho há certas ênfases especiais em Jesus como a Palavra de Deus, o Pão da vida, a Luz do mundo, o Bom Pastor, o Caminho, a Verdade e a Vida, e aquele através de quem o Espírito Santo viria. Contudo, um estudo cuidadoso deste Evangelho revela um profundo interesse no Jesus histórico, isto é, no que Jesus disse e fez (veja João 20:30-31; João 21:24-25).

Alguns dos incidentes registrados em João não são encontrados em nenhum dos outros três Evangelhos, tais como os relatos bíblicos sobre Jesus e Nicodemos (João 3:1-15), Jesus e a mulher samaritana (João 4:1-26), Jesus e o cego de nascença (capítulo 9), Jesus e a mulher apanhada em adultério (João 8:3-11).

Além disso, uma importante preocupação do autor era nos ajudar a entender Jesus como aquele que foi enviado por Deus para ser sua Palavra vivificante, o Salvador do mundo, e o Inaugurador dos novos tempos da graça de Deus através do poder do Espírito Santo.

No Evangelho de João, mesmo quando não se refere explicitamente ao Espírito Santo, incidentes e declarações preparatórios abrem a porta ao prometido novo tempo do Espírito Santo. Nos primeiros versículos, todo o reino do sobrenatural é colocado como base de tudo o que se seguirá.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as cousas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. (João 1:1-5).

No quarto Evangelho encontramos um notável testemunho de João Batista sobre Jesus Cristo. Ao batizá-lo, João disse: “*Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele*” (João 1:32). Pois Deus havia dito a João Batista: “*Aqueles sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo*” (João 1:33). Assim, a João Batista foi permitido ver e proclamar que Jesus é o filho de Deus (João 1:34).

Uma outra cena preparatória neste Evangelho é a de Jesus e Nicodemos (João 3:1-15). Ali, entende-se que a maravilhosa energia do Espírito está em ação no novo nascimento. Jesus fala sobre o mistério do miraculoso poder do Espírito. Este poder é como o ir e vir do vento, cuja origem e destino não podemos ver. No

que Jesus disse há um misterioso poder sobrenatural por meio do qual uma alma nasce do Espírito. *“O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito”* (João 3:6). Jesus também se referiu ao incomensurável dom do Espírito (João 3:34).

O Mestre estava falando da mesma Fonte de poder quando disse à mulher samaritana: *“Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; pelo contrário a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna”* (João 4:14). Intimamente relacionado a isto está o que Jesus disse sobre aqueles que o procuram em busca de água espiritual. *“Do seu interior fluirão rios de água viva”* (João 7:38).

Os mais importantes ensinamentos de Jesus acerca do Espírito Santo são encontrados nos capítulos 14 a 16 do Evangelho segundo João. No capítulo 14, os discípulos são informados de que Deus enviará *“outro Consolador”* (João 14:16), *“o Espírito da verdade que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”* (João 14:17). Mas a promessa exige obediência aos mandamentos do Senhor. Então Jesus continua, dizendo: *“Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”* (João 14:25-26).

Em João 15, Jesus refere-se a si mesmo como a *“videira verdadeira”*. Seus seguidores são os ramos que não podem viver e dar frutos a menos que permaneçam nele. *“Porque”,* como disse Jesus, *“sem mim nada podeis fazer”* (João 15:5). A maior preocupação do Mestre, aqui, é que seus seguidores obedeçam a seus mandamentos, dêem *“muitos frutos”* no Reino e experimentem a grande plenitude de alegria no Senhor (João 15:7-11). Desta maneira os seguidores de Jesus receberão o Espírito Santo, obedecerão o mandamento do amor, e, apesar da perseguição, darão testemunho de Jesus como Salvador do mundo (João 15:12-27).

O ensinamento de Jesus acerca do Espírito Santo, em João 16, é ainda mais explícito do que nos dois capítulos anteriores. Ali Jesus considerou decisiva a eterna conexão entre a missão do Espírito Santo e a sua própria. Nos versículos 7 a 15 encontramos o que é talvez a maior passagem sobre o Espírito Santo nos Evangelhos. Jesus queria preparar seus discípulos para o fato de que sua missão na terra estava para terminar. O que eles deveriam fazer? Como poderiam continuar? Por isso Jesus disse:

“Mas eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.”

Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar. Tudo quando o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”.

Esta passagem contém pelo menos cinco pensamentos importantes:

Primeiro, a vinda do Espírito Santo com sua força total precisava esperar que a missão terrena de Jesus se completasse. “Se eu não for, o Consolador não virá”. Esta necessidade foi sugerida anteriormente no Evangelho de João: “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até esse momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (João 7:39).

Segundo, Jesus deixou claro que ele era aquele que enviaria o Espírito Santo através do Pai. Em suma, isto é o mesmo que orar ao Pai para que envie o Espírito (João 14:16). O Espírito Santo deveria convencer o mundo do pecado, proclamar a justiça, e conscientizar as pessoas do julgamento de Deus. Neste ponto, a implicação é que assim como Jesus fez estas coisas durante seu ministério terreno, assim o Espírito Santo continuaria a fazê-las, elevando Jesus Cristo no mundo.

Terceiro, esta passagem (João 16:7-15) afirma claramente que a missão única do Espírito Santo é glorificar a Jesus Cristo: “Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar”. Isto deve ser amarrado às palavras: “Ele vos guiará a toda verdade”. Quando o Espírito Santo é mencionado como o “Espírito da verdade” isto não se refere à verdade filosófica, científica ou histórica. O Espírito Santo não funciona como uma enciclopédia ou como um curso de ciências ou como pensamento reflexivo. Ao contrário, o Espírito Santo guiará as pessoas a toda a verdade que precisam para a sua salvação em Jesus Cristo. O Espírito Santo glorificará a Jesus Cristo. E a afirmação de que “*anunciará as coisas que hão de vir*” parece se referir, entre outras, ao triunfo final da justiça sob o senhorio de Jesus Cristo.

Quarto, a obra do Espírito Santo não proclama o próprio Espírito Santo. O Espírito leva a mensagem de Jesus. O Espírito santo “*há de receber o que é meu*”, disse Jesus, “*e vo-lo há de anunciar*” (João 16:14). A única grande preocupação do Espírito santo é com o novo tempo do Reino de Deus em Jesus Cristo e através dele.

Quinto, o Espírito Santo glorifica a Jesus Cristo em seu ministério de ensino: comunicar quem Jesus foi; qual foi sua mensagem; e o sentido que a sua vida, morte e ressurreição têm na inauguração dos novos tempos de Deus.

As diretrizes aqui são claras. O próprio Jesus tornou eternamente impossível separar a missão do Espírito Santo da sua grande obra como Senhor e Salvador.

A promessa do derramamento do Espírito

O Senhor ressurreto prometeu aos seus discípulos que eles seriam *“revestidos de poder do alto”* (Lucas 24:49) de modo que suas mentes compreenderiam verdadeiramente que Jesus era aquele que fora mencionado na *“Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”* (Lucas 24:44). Além disso, deveriam ficar em Jerusalém até que recebessem o poder do Alto, de modo que pudessem tornar-se testemunhas eficientes da grande salvação de Deus em Jesus Cristo (Lucas 24:49). Aqueles que pregam e ensinam sobre Cristo sofrerão e serão fortemente tentados. Não podem fazer a sua obra sem o *“poder do alto”* prometido pelo Senhor ressurreto.

Novamente, no Livro de Atos, temos a promessa do Senhor ressurreto. Ele disse a seus discípulos que *“esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo”* (Atos 1:4-5). Então continuou: *“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”* (Atos 1:8).

Importância para a nossa renovação espiritual

Como vimos, a missão do Espírito Santo é levar adiante a missão de Jesus Cristo e seu reino. Com este fim, o Espírito traz a convicção do pecado, ajuda-nos a nos arrepender e a depositar a nossa confiança no Salvador, ajuda-nos a orar sinceramente pelo Reino, e nos capacita para a missão e o serviço efetivo.

Evidentemente esta missão está relacionada com a nossa vida espiritual, com a vida de oração, com o viver efetivo e com o serviço. Considere dois pensamentos de apoio.

Primeiro, é maravilhoso que nos quatro Evangelhos Deus tenha revelado esta misteriosa ligação entre Jesus Cristo e o Espírito Santo. Imagine o que acontece em nossa vida espiritual quando deixamos que outras coisas afastem Jesus Cristo. Conheço algumas pessoas que falam tanto do Espírito Santo, do *“batismo espiritual”*, de estar *“cheio do Espírito”*, que ficamos imaginando quando foi a última vez que pensaram em Jesus. Elas têm pressentimentos que atribuem à vinda do Espírito. Acalentam expectativas que consideram recebidas do Espírito. Podem ouvir vozes, ter visões, ou sentir impulsos que as fazem crer que elas, e não os outros, têm acesso interior a Deus. E não conseguem se lembrar da última vez em que pensaram em Jesus ou leram os quatro Evangelhos ou até mesmo o Sermão do Monte.

Vou ser mais claro. O Espírito Santo pode ser o instrumento de visões autênticas, expectativas significativas, experiências de orientação divina, e curas do corpo e da mente. Mas devemos entender que todas estas coisas chegam até nós por meio da presença e do poder do Cristo vivo.

A principal pista para a vida e poder espirituais é começar por meditar sobre Jesus, sobre o que ele disse e fez, e sobre sua presença viva conosco agora, onde estivermos. O Espírito Santo nos ajuda a fazer isso quando lemos os quatro Evangelhos. E misteriosamente, começamos a sentir a presença do Cristo vivo e o impulso do *“poder do alto”*.

Segundo, vemos, à luz disto, por que motivo, na formação espiritual das pessoas na igreja, continuamos a retornar a Jesus Cristo, o Senhor crucificado e ressurreto: Jesus é o centro de nosso culto e *“o Autor e Consumador da fé”* (Hebreus 12:2).

CAPÍTULO 3

O Pentecostes e Paulo

Ocupando o segundo lugar em importância, depois do que encontramos nos quatro Evangelhos, estão estas duas fontes sobre o Espírito Santo: 1) os acontecimentos do dia Pentecostes e o que se seguiu; e 2) as inspiradas observações do apóstolo Paulo.

Encontramos as primeiras referências sobre o Pentecostes e suas conseqüências em Atos 2, bem como em todo o Livro de Atos. As principais referências sobre o testemunho e ensino de Paulo serão encontradas em passagens selecionadas do Livro de Atos e em Romanos, capítulo 8; em 1 Coríntios capítulos 12 a 14; e em várias referências em suas outras cartas. Voltemo-nos a elas agora, mas começando com o Pentecostes.

O Pentecostes e suas conseqüências

A maioria das pessoas que lêem sobre o primeiro Pentecostes cristão provavelmente comece com os primeiros quatro versículos de Atos 2. Embora estes versículos sejam de suma importância, é preciso ler todo o capítulo para que se possa entender as profundas dimensões do que foi chamado de um momento eterno no destino da humanidade. Começaremos com Atos 2:1-4 e depois passaremos a outros versículos-chave no capítulo.

A princípio somos atingidos por acontecimentos incomuns. *“De repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas”* (Atos 2:2-4).

Será que estes eventos foram tudo o que aconteceu? Será que eles representam as dimensões mais profundas da experiência daqueles primeiros cristãos no Pentecostes? A resposta terá de ser não a ambas as perguntas. Certamente aqueles sinais exteriores foram importantes. Eles serviram como sinais confirmatórios da extraordinária presença e poder do Espírito Santo. Aquele momento particular na história marcou, na realidade, o verdadeiro início da comunidade de fé que daí para a frente carregaria o nome de Jesus Cristo.

Quando lemos um pouco à frente em Atos e notamos o que Pedro disse, começamos a perceber o sentido mais profundo do Pentecostes.

Quem era este Pedro? Lembre-se que apesar de ter dito a Jesus, *“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”* (Mateus 16:16), na verdade ele não compreendia nem cria em profundidade naquilo que estava dizendo. Jesus lhe disse: *“Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus”* (Mateus 16:17). Pedro ainda não compreendia toda a importância do que havia dito. Como podemos saber disso? Sabemos porque mais tarde, na presença de uma criada, quando Jesus Cristo estava sendo perseguido, Pedro negou que tivesse qualquer coisa a ver com Jesus (Mateus 26:59-75). Em outras palavras, quando Jesus foi preso, zombado e torturado, Pedro o negou três vezes.

Mas, agora, olhe para este mesmo homem após o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes. Uma grande multidão tinha se reunido, possivelmente no pátio do templo. Aqueles que tinham recebido o derramamento do Espírito Santo junto com Pedro estavam com ele. E ele foi à frente para falar. O magnífico cenário do pátio do templo, com suas poderosas colunas, propiciaram um impressionante pano de fundo para o que Pedro tinha a dizer. Neste pátio a crucificação de Jesus tinha sido conspirada. Não muito longe dali estava o lugar em que Pedro tinha tremido e, por covardia, negado seu Senhor.

Pedro agora elevava a sua voz e dirigia-se à multidão. O que ele disse? Ele disse que aquilo que o profeta Joel havia previsto acerca do derramamento do Espírito tinha se concretizado (Atos 2:17-21). Ele continuou falando sobre Jesus, sua vida, morte e ressurreição (Atos 2:22-24). E amarrou tudo isso com o Davi havia dito (Atos 2:25-31). Depois, referiu-se aos apóstolos de Jesus como testemunhas do Senhor ressurreto e do fato de que através deste Senhor exaltado, o Espírito Santo tinha sido derramado sobre os seus seguidores (Atos 2:32-33). Pedro deu este extraordinário testemunho: *“Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo”* (Atos 2:36).

Quando o povo perguntou, *“Que faremos, irmãos?”*, Pedro disse: *“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo”* (Atos 3:38). Podemos perceber que ele não disse que haveria o sopro de um vento poderoso ou *“línguas de fogo”* pairando sobre eles, nem prometeu que eles falariam em *“outras línguas”*. Ele simplesmente disse que pelo arrependimento, batismo e fé no nome de Jesus eles receberiam o dom do Espírito Santo. Ele não fez menção de quaisquer sinais exteriores específicos. Isto não significa que ele não os considerasse importantes. Ao contrário, ele estava destacando o que havia acontecido de mais importante.

Uma coisa é certa: Pedro estava falando a uma multidão que sabia alguma coisa sobre Jesus através de seus ensinamentos e seus atos poderosos entre eles. Alguns o haviam ouvido pregar; outros tinham sido curados por ele ou eram parentes de pessoas que tinham sido curadas por ele. Alguns tinham estado no meio da multidão que gritou a favor de Barrabás e contra Jesus, dizendo: *“Fora*

com este!” “Crucifica-o!” (Lucas 23:18, 21). Este grupo de cristãos havia experimentado a presença e o poder de Deus através de seu Senhor crucificado e ressurreto. Mas esta experiência tornou-se uma realidade em seus corações através do poder do Espírito Santo. Parece claro que o Espírito Santo primeiro iluminou suas mentes para que compreendessem pela primeira vez, de forma definitiva, a verdade revelada de que Cristo era realmente o Salvador do mundo e o Inaugurador dos novos tempos do reino de Deus. O Espírito da verdade tinha aberto suas mentes para que compreendessem a única realidade indispensável. Depois disso, as ameaças de prisão, tortura ou perseguição não poderiam mais intimidar Pedro e os outros. O compromisso estava selado; eles estavam cheios do poder do Espírito Santo.

Vamos entender a situação toda. Em Atos 2:1 lemos: *“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar”*. Quem eram “eles”? Este ponto é importante, pois o Espírito Santo não agia indiscriminadamente. Mas no momento em que perguntamos quem eram as pessoas que estavam reunidas naquele primeiro derramamento do Espírito, sabemos quem eram. Eram pessoas que haviam estado com Jesus. Elas compartilhavam de uma sagrada lembrança do que Jesus havia dito e feito. Uma dessas pessoas pode ter dito: *“Vocês se lembram de quando ele nos disse: ‘Eu sou a Luz do mundo?’* Então alguém acrescentaria: *“Sim, e vocês se lembram de quando ele disse: ‘Vós sois a luz do mundo?’* Um após o outro talvez tenha repetido alguma declaração ou se referido a algum fato. *“Vocês se lembram de Zaqueu?” “Sim, e do cego Bartimeu?” “Vocês se lembram da história do filho pródigo?” “E a parábola do semeador?” “E o que ele orou em agonia na cruz?!”* E assim por diante.

O Espírito Santo instigou e estimulou suas lembranças comuns com tantas declarações e atos de Jesus que eles tornaram-se preparados para receber seu Senhor ressurreto em seus corações. Ele era a suprema realidade em seu meio. O mundo passou a ser pano de fundo e Jesus foi glorificado.

Acrescente-se a isso a vívida consciência da ressurreição de Jesus. Eles eram aqueles que compartilhavam da sagrada lembrança do sofrimento e morte de Jesus ocorridos apenas alguns dias antes. Eram também aqueles que tinham visto o túmulo vazio e que viram várias vezes o seu Senhor ressurreto. Jesus estava vivo. Ressurreto! Eles tinham visto e ouvido por si mesmos. Estes indícios, entre outros, nos levam à conclusão final de que aquele grupo de pessoas e apenas aquele grupo — estava preparado para receber o poder do Espírito Santo naquele momento eterno no destino da humanidade.

As pessoas naquele primeiro Pentecostes cristão também compartilhavam de um entendimento comum acerca de quem Jesus era à luz do Antigo Testamento. Estas pessoas, e isto também ocorreu depois de Paulo, interpretavam Jesus como o prometido Messias. Eles entendiam que Jesus não tinha vindo ao mundo de maneira inesperada. Sua vinda tinha sido precedida por longos séculos de preparação através da história e dos profetas de Israel. Deus, em seu infinito amor e sabedoria, tinha agido no tempo deles para marcar o início dos novos tempos do

Reino de Deus. Paulo, embora não tendo estado presente naquele grupo, captou seu espírito mais tarde, quando afirmou: *“Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho”* (Gálatas 4:4).

Precisamos ressaltar mais um fator. Aqueles que compartilharam daquele derramamento tinham ouvido Jesus prometer-lhes o Espírito Santo. Isto era significativo não apenas porque Jesus tinha feito a promessa antes de sua crucificação, mas também porque o próprio Senhor ressurreto a tinha feito. Eles tinham ouvido seu grande comissionamento a que se tornassem testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra (Atos 1:8). Mas eles não deveriam partir antes de receberem o *“poder do alto”*. Assim, a atmosfera estava carregada de expectativa. Estavam todos cheios do Espírito Santo.

O ensinamento de Paulo

Quando chegamos aos ensinamentos de Paulo sobre o Espírito Santo, uma única passagem não é suficiente. Devemos examinar passagens selecionadas de suas cartas e também algumas ênfases de seus ensinamentos e de sua vida como líder cristão. Acima de tudo, devemos nos lembrar que o acontecimento mais importante no contexto da vida de Paulo como cristão foi o seu encontro com o Senhor ressurreto na estrada de Damasco (Atos 9).

Paulo tinha a capacidade de ir diretamente ao ponto. Ao escrever aos cristãos em Corinto ele disse: *“Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo”* (1 Coríntios 12:3). As palavras, Senhor Jesus, formavam uma das primeiras confissões de fé. Paulo estava lembrando aos cristãos de Corinto que ninguém pode realmente dizer estas palavras sem o auxílio do Espírito Santo.

Algumas vezes, Paulo chegou bem perto de identificar o Espírito Santo com o espírito do Cristo ressurreto. Ele disse:

“Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Coríntios 3:17-18).

Em um trecho anterior deste livro, vimos que Jesus tornou impossível separar a obra do Espírito Santo de sua própria missão como Salvador do mundo e Inaugurador dos novos tempos do Reino de Deus. Neste capítulo já vimos que quando entendemos o sentido mais profundo do Pentecostes, descobrimos que o poder do Espírito Santo não pode ser desvinculado da graça de Deus em Jesus Cristo. Paulo também ensinou que não podemos desvincular a obra do Espírito Santo da obra de Jesus Cristo como Senhor e Redentor. Ao mesmo tempo, de modo a lidar com a divisão entre os coríntios, Paulo compartilhou com eles algumas implicações práticas da obra do Espírito Santo para levar adiante a missão singular de Jesus Cristo no mundo.

Paulo escreveu acerca de sua própria experiência como cristão e sua própria interpretação do cristianismo mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento. Além de suas afirmações explícitas já mencionadas, suas palavras contêm freqüentemente pensamentos sobre o Espírito Santo. Suas profundas convicções acerca do Espírito Santo estão refletidas em seu testemunho pessoal sobre o que Cristo significou para ele. Disse, por exemplo:

“Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado”(1 Coríntios 2:2). E novamente ele disse: “Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Filipenses 1:21).

Paulo foi um exemplo notável de como um líder cristão age quando está cheio do Espírito Santo. Sua vida nos fala tanto quanto seus ensinamentos a respeito do Espírito. Ele nos mostra como o Espírito age num ser humano talentoso que está totalmente dedicado a Jesus Cristo. Em Paulo vemos o que acontece quando o Espírito Santo recria uma pessoa para levar adiante a obra do Senhor no mundo. Seu ministério foi de liderança criativa unida a um espírito de humildade, amor e reconciliação. Ele ilustra o fato de que sempre que o Espírito Santo está verdadeiramente em ação em um cristão, ele ou ela é libertado da divisão, tristeza e do espírito rancoroso.

Há um magnífico tema que resume tudo o que Paulo disse sobre o Espírito Santo. É outra expressão do que Jesus ensinou e que se confirmou no Pentecostes. Este poderoso tema é a centralidade e finalidade de Jesus Cristo como Salvador do mundo. Para Paulo este tema era intimamente pessoal. Jesus Cristo era a realidade básica de sua existência como cristão.

O número de referências de Paulo a Jesus Cristo como Redentor e Senhor surpreende o leitor de suas cartas. Para Paulo tudo depende da vida, morte e ressurreição de Jesus. Algumas pessoas pensam que suas próprias experiências cristãs são a base final de sua crença. Mas não Paulo. Ele conhecia a presença do Cristo vivo em sua alma, mas proclamava apenas a autoridade e finalidade de Jesus Cristo crucificado e ressurreto dentre os mortos. Esta realidade, confirmada na experiência, firma-se no seu próprio direito e na extensa providência de Deus. Paulo jamais permitiu que sua experiência cristã obscurecesse o Senhor ressurreto que a concedeu.

Para Paulo, o Evangelho era a boa nova de Jesus Cristo. *“Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”* (1 Coríntios 15:3). Depois Paulo passou a falar da ressurreição de Jesus e sua aparição aos discípulos e outras pessoas, incluindo ele próprio (1 Coríntios 15:4-8). Embora indigno pelo fato de ter perseguido a Igreja, Paulo foi o que foi, pela graça de Deus (1 Coríntios 15: 9-10).

Paulo cria profundamente na afirmação de que o novo tempo de salvação pela graça chegara ao mundo através de Jesus Cristo. Ele experimentou esta

salvação em seu próprio coração. E ele a proclamou como o dom de Deus a todos aqueles que se arrependem e têm fé. Em uma de suas melhores e mais conhecidas passagens, ele disse: *“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte”* (Romanos 8:1-2).

Novamente, Paulo escreveu aos cristãos em Roma: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8:9). Paulo interpretava o Antigo Testamento sob a inspiração do Espírito Santo. Conseqüentemente, ele entendia que o Antigo Testamento preparava para a vinda de Jesus Cristo, o Messias prometido. Paulo sabia que Deus havia se revelado de maneiras maravilhosas no Antigo Testamento. Mas quando se tratava da proclamação do Evangelho, Paulo via a glória do Antigo Testamento primeiramente em relação a Jesus Cristo. Assim, quando partia em seu trabalho missionário, Paulo falava sobre Jesus Cristo usando o Antigo Testamento como principal meio de convencer as pessoas. Baseado na Escritura, ele ensinava que Jesus Cristo era o Messias prometido e o Salvador do mundo.

Paulo enfatizava que os cristãos estão ligados uns aos outros como membros do corpo de Cristo (1 Coríntios 12:12-31). O Espírito Santo tocava Paulo com a paixão para criar igrejas locais. Assim como o Espírito formou a Igreja no Pentecostes, ele continuou a se preocupar e manter o Evangelho vivo através da determinação de Paulo em formar e alimentar igrejas locais por onde quer que passasse. As cartas às várias igrejas (em Corinto, Éfeso, Filipos, Tessalônica, em Roma e na Galácia) ilustram esta determinação. Como vimos, o Espírito Santo glorifica a Jesus Cristo pela reunião das pessoas na unidade do Espírito.

Em 1 Coríntios capítulos 12 e 14, Paulo referiu-se a certas manifestações ou dons especiais. Ele disse: *“A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso”* (1 Coríntios 12:7).

Paulo disse que no trabalho prático da Igreja, o Espírito Santo move-se através de diferentes pessoas por meio de manifestações ou dons especiais (1 Coríntios 12:8-10). Cada membro do corpo de Cristo é importante. Através de cada um e de todos, o Espírito Santo une os cristãos na comunhão viva da fé, cujo fundamento único é Jesus Cristo (1 Coríntios 3:11). Todas as manifestações ou dons do Espírito são realizadas pelo mesmo Espírito, *“distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente”* (1 Coríntios 12:11).

Paulo continuou, dizendo:

“Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo” (1 Coríntios 12:12).

Paulo ensina que a natureza do Espírito Santo é trazer ao corpo de Cristo o espírito de amor, paciência, entendimento e cooperação (1 Coríntios capítulo 13).

E as dinâmicas da gloriosa experiência do Espírito Santo não devem levar ao caos ou à desordem na igreja local (1 Coríntios capítulo 14). Por um lado, Paulo não quer que a obra do Espírito seja reprimida; é preciso que a vitalidade esteja presente. Ao mesmo tempo, a vitalidade do Espírito deve ser temperada pelo movimento deste mesmo Espírito no sentido da ordem. O ponto mais importante aqui é que a obra do Espírito é glorificar a Jesus Cristo e levar adiante sua obra através da interação cooperativa de todos os membros que carregam o seu nome.

Acima de tudo, Paulo queria que os cristãos em Corinto enfatizassem o que ele chamava de *“os melhores dons”* (1 Coríntios 12:31). Foi por isso que ele disse: *“Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais”* (1 Coríntios 14.1). Em outro trecho, Paulo nos diz que o fruto do Espírito é: *“amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”* (Gálatas 5:22-23). A questão fundamental é que o Espírito Santo nos dá um espírito semelhante ao de Cristo. Todas as outras manifestações ou dons favorecem o dom supremo do Cristo vivo em nós.

Importância para a nossa renovação espiritual

À luz maravilhosa do Pentecostes e do que Paulo ensinou, vemos pelo menos quatro coisas da maior importância para nossa renovação espiritual.

Primeiro, temos nossas almas levadas a Jesus Cristo. Já nos referimos a isto no capítulo anterior. Mas esta visão é agora confirmada e ampliada pelo Pentecostes e pelos ensinamentos de Paulo. Sentimos o Espírito Santo agindo em nós, como no Pentecostes, para nos aproximar de Jesus Cristo. E quando sabemos que Jesus é o Senhor de nossas vidas hoje, sentimos o impulso do poder da sua presença enquanto controla o nosso temperamento, refreia nossas línguas, e enche as nossas almas com o seu amor. Sentimos sua presença, através do Espírito Santo, ao nos conceder hoje o poder para romper hábitos destrutivos, superar situações difíceis, e enfrentar as tempestades da vida.

Segundo, à luz do Pentecostes e dos ensinamentos de Paulo, somos levados à dinâmica experiência da oração no nome de Jesus. Esta oração é por aqueles que amamos, elevando-os a Deus em fé para que possam ser redimidos e tornados plenos em corpo, mente e espírito. O Espírito Santo nos leva a orar por aqueles que, em nome de Jesus Cristo e sua justiça, estão sofrendo na prisão ou enfrentando algum tipo de perseguição. Este tipo de oração nos une no corpo de Cristo. E leva igrejas inteiras a um novo e maravilhoso espírito de perdão, amor e unidade.

Terceiro, com o Pentecostes e Paulo aprendemos que o Espírito Santo pode entrar em nossas almas, repentinamente, de maneiras especiais. Uma igreja inteira pode ser despertada por algum súbito derramamento do Espírito. Então veremos manifestações especiais determinadas pelo Espírito. Assim, devemos ter um sentido de expectativa. Pois o Espírito procura sempre nos abençoar e nos dar

o auxílio sobrenatural, sob a orientação de Cristo, que devemos ter para atravessar a vida.

Quarto, aprendemos com o Pentecostes e o ensino de Paulo que o Espírito Santo fornece a única motivação adequada para o cumprimento da missão de Jesus Cristo. Esta missão é bem mais profunda que a digna preocupação com a paz mundial, com o fim da pobreza e a saúde do corpo e da mente, apesar de envolver tudo isso. Além disso, o Espírito Santo leva os cristãos a conduzir todas as pessoas ao Criador que as fez e as reivindica. O Espírito as motiva a entrar num vivificante relacionamento de fé com Deus através de Jesus Cristo. De toda esta motivação devem fluir os esforços e atos que vão de encontro às necessidades dos seres humanos em toda a parte.

CAPÍTULO 4

O Espírito Santo e a Igreja

Jesus transformou seus discípulos numa comunidade de oração e fé. Mas até o dia de Pentecostes, eles não tinham os recursos interiores necessários para levar adiante a obra do Senhor. Eles tinham andado com Jesus. Tinham se sentado aos seus pés e aprendido com ele. Tinham-no observado em seu ministério de cura, e participado de significativas atividades de pregação e cura quando Jesus os enviou. Eles testemunharam sua crucificação à distância. Todos eles, juntamente com muitos outros, tinham visto o Cristo ressurreto e ouvido seus ensinamentos e instruções. O Cristo ressurreto apareceu a eles durante um período de 40 dias e lhes ensinou a respeito do Reino de Deus (Atos 1:3). Eles ouviram o Mestre ordenar-lhes: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”* (Mateus 28:19). Eles estavam cheios de expectativa por causa da promessa de seu Senhor ressurreto de que iriam receber poder ao descer sobre eles o Espírito Santo (Atos 1:8).

Então veio o Pentecostes. O que foi que aconteceu nele que estivesse relacionado particularmente com o andamento da vida da comunidade de oração e fé, isto é, da Igreja?

Vimos que o Espírito Santo está em ação em vários estágios da experiência cristã. Em outras palavras, o Espírito está dinamicamente presente em cada ser humano e, de maneira especial, na vida dos cristãos. Além disso, o Espírito Santo está presente na comunidade de oração e fé que carrega o nome de Jesus Cristo. A igreja é o corpo de Cristo. Exatamente o quê o Espírito Santo faz na formação, na nutrição e no alcance mundial da Igreja? Eu sugeriria pelo menos cinco coisas.

- 1) O Espírito Santo une os cristãos numa comunidade de apoio de oração e fé.
- 2) O Espírito Santo está ativamente presente na Igreja para preservar a identidade e integridade do Evangelho.
- 3) O Espírito Santo chama algumas pessoas para proclamar o Evangelho, ensinar a Palavra e ministrar os sacramentos.
- 4) O Espírito Santo convida todos os cristãos a um viver responsável dentro da comunidade.
- 5) O Espírito Santo chama todos os cristãos a se unirem na grande missão de evangelização mundial.

Consideremos estes pontos nesta mesma ordem.

O Espírito Santo une os cristãos

O Espírito Santo une os cristãos nas igrejas locais e em pequenos grupos para que haja uma fraternidade de apoio. Nós cantamos: *“Bendita a santa união / Que no fraterno amor / A todos sempre em comunhão / Nos prende no Senhor”* (Hinário Evangélico, número 396). O que é que promove esta santa união? É o poder e a presença do Espírito Santo. O Espírito Santo nos leva a orar uns pelos outros e a fortalecer uns aos outros na fé e no viver cristão.

Desde a época das igrejas primitivas, houve diferenças dentro delas. Paulo teve que lidar com esta situação na igreja de Corinto bem como nas igrejas da região da Galácia. A igreja é imperfeita porque é formada por seres humanos imperfeitos. Contudo, estamos unidos uns aos outros através de Jesus Cristo, nosso Senhor crucificado e ressurreto. Pelo poder do Espírito Santo compartilhamos do ministério da oração intercessória uns pelos outros e por todas as pessoas que sabemos estar em necessidade. É claro que esta oração intercessória se expressa necessariamente no serviço.

Já se disse que os cristãos primitivos amavam-se uns aos outros. Através deste amor tornaram-se respostas vivas à oração de Jesus pela unidade de todos os seus seguidores (cf. João 17). Paulo comparou a Igreja ao corpo humano. Ele destacou que temos diferentes habilidades e diferentes manifestações do Espírito para o bem comum. Mas estamos todos unidos em Cristo. *“Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”* (1 Coríntios 12:12-13).

Assim, o Espírito Santo nos une em uma comunidade de oração e fé como membros do corpo de Cristo; uma comunidade viva e de apoio. Cada um de nós precisa de um sistema de suporte. O Espírito Santo fornece este suporte através de uma vida familiar cristã. Fornece-o também através de pequenos grupos de oração, estudo e culto dentro da igreja. O Espírito Santo torna disponível este sistema de suporte através das experiências de culto público e nos atos de cooperação que fluem da oração e do culto.

O Espírito Santo e a integridade do Evangelho

O Espírito Santo age na Igreja para preservar a integridade do Evangelho. O maior e mais precioso tesouro da Igreja é o Evangelho da salvação em Jesus Cristo. A salvação é o poder de Deus pelo qual somos perdoados e recriados para um viver efetivo e intrépido no Reino de Deus enquanto ainda estamos na terra.

Este Evangelho também é a base da nossa salvação eterna. Assim, o Espírito Santo tem estado continuamente em ação dentro do corpo de Cristo para preservar o Evangelho.

Somente este Evangelho, esta boa nova, responde aos profundos questionamentos do espírito humano. Como posso ser perdoado? Onde posso encontrar o poder para ser aquilo que Deus espera que eu seja? Qual é o sentido ou propósito de minha vida? O que há depois da morte?

Se quisermos nos livrar da culpa, se quisermos ser perdoados, aonde devemos ir? Devemos ir aos laboratórios científicos das grandes universidades? É claro que não. Se não formos ao pé da cruz, aonde, então, devemos ir?

Se quisermos ser capacitados para um viver efetivo, para obter vitória sobre a tentação e os hábitos destrutivos, aonde devemos ir? Devemos procurar a ciência, a tecnologia, os computadores? É claro que não. Sabemos que devemos retornar freqüentemente a Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor que, através do poder do Espírito Santo, vive eternamente dentro de nossas almas para nos abençoar e capacitar para o viver produtivo.

Se quisermos obter a resposta para o questionamento sobre o sentido da vida, aonde devemos ir? Devemos recorrer aos filósofos, aos conhecedores da vida e do mundo, à cultura e civilização modernas? E claro que não. Retornamos à Bíblia e ao Evangelho, que é o poder de Deus para a salvação. Através do Evangelho encontramos novo sentido e glória em nossas vidas nesta terra.

E com relação à morte? Devemos recorrer aos computadores? Ou a dietas e exercícios? Ou devemos recorrer as 2 mil ou mais pessoas nos Estados Unidos da América que afirmam ser “messias”?

Num episódio fascinante da Bíblia, Jesus fez algumas declarações fortes às pessoas e muitos de seus seguidores voltaram atrás e se afastaram dele. Jesus, então, disse aos doze: *“Porventura quereis também vós outros retirar-vos?”* E Simão Pedro lhe respondeu: *“Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna”* (João 6:67-68). Juntamente com Simão Pedro também perguntamos: *“Se não recorrermos a Jesus Cristo, a quem recorreremos? De que maneira o Espírito Santo age na igreja para preservara integridade do Evangelho?”* Sugiro algumas maneiras:

1. O Espírito Santo ilumina a Bíblia de modo que possamos compreendê-la pelos olhos da fé. Ele inspira os ministros a crescerem e se aprofundarem continuamente no entendimento da Bíblia como Palavra revelada de Deus. Além disso, através das classes de escola dominical e dos grupos de estudo bíblico, o Espírito Santo ilumina as mentes dos leigos, ajudando-os a crescer no seu entendimento da Bíblia e das promessas de Deus em Jesus Cristo.

2. O Espírito Santo agiu na Igreja, e continua a agir, através dos grandes credos. Estes credos são tentativas, na vida em andamento da Igreja, de se resumir o significado da revelação bíblica. Eles levantam as doutrinas e ênfases que estão no centro do Evangelho.

3. Novamente, o Espírito Santo está agindo na vida da igreja através dos sacramentos do batismo e da Santa Ceia. Na ordem de culto destes dois sacramentos temos afirmações profundas acerca da natureza do Evangelho. O Espírito Santo tem agido no desenvolvimento destas afirmações e continua a agir na comunidade de oração e fé, e através dela, para esclarecer o sentido mais profundo das liturgias do batismo e da Santa Comunhão, com suas claras ênfases no Evangelho de salvação em Jesus Cristo.

4. O Espírito Santo age nos grandes hinos, e através deles. Estes hinos foram selecionados ao longo de muitos séculos por líderes cristãos que sentiam que de alguma forma o Espírito Santo os tinha inspirado. Eles contam a história da salvação em Jesus Cristo e enfatizam a verdadeira natureza do evangelho e o propósito de Deus ao possibilitar a salvação em Jesus Cristo.

5. Mais uma vez, o Espírito Santo confirmou a verdade e o poder do Evangelho através do testemunho e das vidas de destacados cristãos nas igrejas locais. O Espírito Santo os fez ver que não somos perdoados e capacitados por nossos próprios atos, pela cultura, pela civilização, pelos computadores ou pela ciência, mas pela graça de Deus (Efésios 2:8). Assim, através destes testemunhos em todas as nossas igrejas locais, o Espírito Santo tem agido para identificar e manter a integridade do Evangelho da salvação em Jesus Cristo.

O Espírito Santo e os chamados ao ministério

O Espírito Santo chama algumas pessoas a dedicar suas vidas à pregação do Evangelho, ao ensino da Bíblia, à ministração dos sacramentos e a ser líderes espirituais no corpo de Cristo. No Antigo Testamento, Deus escolheu certas pessoas para a liderança moral e espiritual. Entre os escolhidos temos Abraão, Moisés, Davi e os profetas. Jesus escolheu os doze discípulos. O Senhor ressurreto comissionou os discípulos e escolheu Saulo de Tarso (Atos 9). No decorrer da história, Deus tem chamado pessoas, por meio do Espírito Santo, para assumirem a liderança na comunicação do Evangelho, de modo que a igreja pudesse seguir adiante. No movimento metodista, por exemplo, encontramos Susana Wesley, João e Carlos Wesley, Francis Asbury, Harry Hosier, Jacob Albright, Philip William Otterbein e os pregadores ambulantes.

A “política administrativa” de Deus foi e continua a ser, claramente, a de chamar algumas pessoas para assumir a grande obra da proclamação do Evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Este chamado tem chegado às pessoas através da presença e inspiração do Espírito Santo. Os chamados

pertencem a uma longa cadeia de sucessão de pessoas que remonta aos apóstolos de Jesus.

Sabemos que a menos que algumas pessoas sejam chamadas por Deus e destacadas para o ministério, através da Igreja, a obra de Cristo não será levada adiante eficientemente. Paulo estava ciente disso quando afirmou: *“Como, porém, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam cousas boas!”* (Romanos 10:14-15).

O Espírito está em ação na Igreja neste processo quando, após cuidadosa avaliação e oração, a Igreja reconhece a autenticidade do chamado ao ministério e ordena aqueles que são chamados. Estes experimentam um senso de admiração, de mistério, de inadequação e o desejo de fazer o melhor pelo Senhor. E têm sempre uma profunda consciência da necessidade de oração e da contínua presença do Cristo ressurreto através do poder do Espírito Santo.

O Espírito Santo nos chama a um viver responsável dentro da comunidade

O Espírito Santo se movimenta nos corações dos crentes dentro da comunidade de fé e oração chamando-os a um viver responsável na comunidade. Nós cristãos não estamos isolados do mundo em que vivemos, e o Espírito assume o controle para nos ajudar a refletir o amor de Cristo em nossos atos. O Espírito Santo não está presente apenas em nossas grandes experiências espirituais, mas também na nossa rotina diária de amor e de trabalho. O Espírito nos sustenta e capacita para o viver responsável nos campos práticos de nossa vida. O Espírito movimenta-se em nós em nossos lares, nossos locais de trabalho, nosso lazer, nossa cidadania, e em nossa vida juntos dentro da igreja.

O Espírito Santo e a evangelização mundial

Vemos a dinâmica presença do Espírito Santo no anseio da comunidade de fé e oração de evangelizar o mundo. Este anseio é despertado através da presença do Espírito Santo. Todo o mundo precisa do Evangelho. Pois o Evangelho, como disse Paulo, *“é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”* (Romanos 1:16).

Uma evidência bastante surpreendente da ação do Espírito Santo, após aquele primeiro Pentecostes, foi o poder daqueles cristãos para ganhar outros para Cristo. Milhares de pessoas foram convertidas (Atos 2:41; Atos 4:4; Atos 5:14; Atos 6:7). Certamente, muitas destas milhares de pessoas já tinham estado com Jesus. Tinham-no ouvido pregar e ensinar. Tinham visto seus milagres. Na verdade, muitas delas e muitos de seus parentes tinham sido curados por ele.

Também estavam conscientes da crucificação. Além disso, os que se encheram do Espírito Santo no Pentecostes tinham estado recentemente com o Senhor ressurreto. O evento da ressurreição encheu suas mentes com um senso de admiração, mistério e glória pela poderosa ação sobrenatural de Deus. O Espírito Santo transformou estas sagradas recordações, ainda tão frescas em suas mentes, numa fonte dinâmica de testemunho. Eles testemunharam da glória de Deus em Jesus Cristo com ênfase especial na ressurreição.

Este poder do Espírito Santo de ajudar as pessoas a testemunharem sobre Jesus Cristo foi visto não apenas ao redor de Jerusalém mas também em Antioquia, onde os seguidores de Jesus foram chamados, pela primeira vez, de cristãos (Atos 11:26). Um grande número de pessoas naquele lugar creu no Senhor (Atos 11:21).

Qual era a fonte deste extraordinário poder para ganhar pessoas para Jesus Cristo naqueles dias? Os seguidores de Jesus obedeceram a sua ordem para que permanecessem *“na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder”* (Lucas 24:49). Isto é, através do poder do Espírito Santo, os primeiros cristãos em Jerusalém, Antioquia e de toda parte viram a glória do que Deus havia feito em Jesus Cristo. Eles recuperaram a visão do relacionamento de Deus com Moisés e os profetas, como estava registrado na única Escritura que eles tinham (que nós chamamos de Antigo Testamento). Eles experimentaram a sagrada lembrança da vida, morte e ressurreição de Jesus. Através do Espírito Santo eles adquiriram uma sagrada consciência da imensa necessidade dos indivíduos de obterem a salvação de Deus. Eles viam as pessoas como criaturas perdidas na terra inculta do pecado, dos maus hábitos, do desespero e da morte. Acima de tudo, eles experimentaram com vigor renovado a nova vida em Cristo. Eles sentiram a ação interior de um novo poder de justiça pela graça através da fé. Ao mesmo tempo, obtiveram a visão do plano de Deus de levar adiante a obra do Reino através de Jesus Cristo (veja Efésios 1:9-10). Tudo isto se efetivou em suas vidas através da presença do Espírito Santo.

Em resumo, o poder evangelístico daqueles primeiros cristãos não ocorreu por acaso. Ele veio da espera em Jerusalém e do abrir de suas almas para receber do alto o poder do Espírito Santo. Assim, eles tinham que testemunhar. Eles foram levados pelo Espírito Santo a se unirem na grande obra de ganhar outras pessoas para Jesus Cristo e seu Reino.

Esta necessidade de testemunhar levou os cristãos de Antioquia a enviar Paulo e Barnabé naquela primeira viagem missionária (Atos 13:1-15:35). Levou Paulo à Macedônia, Filipos, Tessalônica, Beréia, descendo até Atenas e Corinto e depois seguindo até Éfeso (Atos 16:6 a 18:21).

Muitos cristãos hoje têm sido impulsionados pelo mesmo desejo de comunicar o Evangelho onde quer que possam. Eles têm ouvido freqüentemente a promessa do seu Senhor ressurreto: *“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda*

a Judéia e Sarnaria, e até aos confins da terra” (Atos 1:8). Eles têm ouvido as ordens do Senhor: esperar, partir, batizar (Mateus 28:19).

Às vezes, o Espírito Santo concedia às pessoas o poder para testemunhar através da formação de novas igrejas locais ou sociedades. Às vezes este poder levava à criação de escolas, seminários, hospitais, lares, e instituições sociais. Mas o único objetivo supremo foi sempre o de reunir as pessoas numa comunidade de oração e fé em nome de Jesus Cristo. Jamais devemos nos esquecer de que aqueles que têm trabalhado juntos em nossas igrejas locais e nos campos missionários do mundo freqüentemente enfrentam dificuldades e às vezes até uma oposição violenta. Os cristãos têm sido perseguidos desde os tempos antigos até a era moderna. A obra do Senhor Jesus Cristo nunca foi fácil. Ele não prometeu que seus seguidores passariam por momentos agradáveis, mas prometeu, sim, a presença sustentadora e capacitadora do Espírito. O sangue dos mártires tem sido realmente a semente da Igreja.

Santo Agostinho estava bastante consciente das dificuldades. Ele pode representar com as palavras abaixo o sentimento de milhares de outras pessoas. Ele disse que a luta para se ganhar almas é um *“fardo imenso, um trabalho penoso”*. E tem sido sempre assim. Por este motivo, muitas pessoas em todos os séculos encontraram refúgio em caminhos mais fáceis. Muitos também trabalharam duro e compartilharam do *“trabalho penoso”*. A Igreja de Jesus Cristo, que está em andamento, dá um magnífico testemunho da fidelidade destas pessoas.

A grande questão para o nosso tempo é a seguinte: Temos nós “esperado em Jerusalém” até que tenhamos sido revestidos de *“poder do alto”*? Não será este poder o supremo fundamento para a renovação da Igreja?

CAPÍTULO 5

O Espírito Santo **e a Ênfase Wesleyana na Experiência Cristã**

Quando pensamos no Espírito Santo em relação à experiência cristã, nossas mentes se voltam naturalmente para João Wesley. Ele levou seus seguidores a um entendimento singular do Espírito Santo que tem caracterizado sempre o povo chamado metodista, nos seus melhores momentos. Outros líderes importantes na ênfase do Espírito Santo foram Francis Asbury, Jacob Albright, Philip William Otterbein, e muitos outros que partilharam profundamente com Wesley de sua ênfase na obra do Espírito Santo.

Wesley enfatizou a religião essencialmente experimentada, em contraste com o cerimonialismo, o legalismo, o misticismo ou o intelectualismo. Ele pregou contra a idéia de que Deus predeterminou todas as coisas, especialmente as pessoas que seriam ou não salvas. Wesley ensinou sobre a necessidade de se viver com justiça de acordo com os mandamentos de Deus, em contraste com aqueles que sustentavam que somente a fé é necessária para se alcançar a salvação. Ele sentiu-se compelido a proclamar o poder do Espírito Santo de transformar pessoas abatidas em novas criaturas e colocá-las no caminho de um viver santificado.

Ao projetar a Capela City Road, em Londres, João Wesley usou repetidas vezes o símbolo da pomba no interior de um círculo na parte da frente de toda a galeria. O sermão, as orações, os hinos, os encontros de classe e o viver cristão eram permeados pela presença e poder do Espírito Santo. Esta afirmação apostólica da transformadora e contínua ação do Espírito Santo era uma característica fundamental do movimento wesleyano.

Em seus breves comentários acerca das palavras de Paulo sobre a lei do Espírito e outras questões relacionadas a isto, Wesley enfatizou, assim como Paulo, o poder do Espírito Santo sobre nossas vidas. Aqueles que se inclinam não para a carne, mas para o Espírito (Romanos 8:5) são guiados em pensamento, palavras e ação pelo Espírito de Deus. Aqueles que estão “*no Espírito*” (Romanos 8:9) estão sob a sua direção. E os que são “*guiados pelo Espírito*” (Romanos 8:14) estão em todos os caminhos da justiça. Wesley entendia esta obra do Espírito Santo dentro do contexto de todo o alcance da religião revelada. A revelação bíblica de Deus como Criador, Redentor e Espírito Santo foi sempre mantida intacta, sem o menor perigo de cair em um unitarismo do Espírito.

Algumas pessoas enfatizam tanto a ação do Espírito Santo que tendem a se esquecer do Pai e do Filho. Um erro primário do pensamento do tipo sectário é que ele tende a pegar um aspecto da verdade cristã e transformá-lo no seu centro ou na sua totalidade. João Wesley evitou este erro. Ele entendia que a ação do Espírito Santo expressava o propósito revelado de Deus em Cristo para recriar as vidas de todas as pessoas e sustentá-las para um viver justo. A ação do Espírito Santo não está ligada apenas ao novo nascimento, mas à totalidade da verdadeira religião.

Baseado na Escritura, Wesley ensinou que o Espírito Santo está presente e ativo em cada estágio importante da experiência cristã. A religião que não é experimentada está morta e não produz frutos. Wesley ensinou que a ação do Espírito Santo precisa ser identificada nos estágios que levam à justiça pela fé em Jesus Cristo. Deus está interessado numa transformação interior que leve diretamente a atos de amor e misericórdia. Observemos aqui que estamos tratando do entendimento de Wesley acerca dos estágios fundamentais e indispensáveis na formação da vida cristã. Ele acreditava que, em algumas circunstâncias incomuns, o Espírito poderia agir levando as pessoas a falar em línguas desconhecidas, curar doenças ou operar milagres, mas nunca enfatizava estes elementos como essenciais à nossa salvação.

O Espírito Santo e a graça preveniente

Começando pelo primeiro nível ou estágio, Wesley acreditava que o Espírito Santo está presente em todas as pessoas antes mesmo da conversão. Ninguém está sem a ação do Espírito Santo neste nível preliminar. Esta manifestação do Espírito foi chamada de graça preveniente — a graça ou a presença do Espírito Santo que precede a graça que vem pela aceitação de Jesus Cristo como Senhor.

Wesley acreditava que a natureza humana, em seu estado natural ou não-remido, é pecaminosa. Ela está infectada por um mal radical. Esta condição é incurável sem a graça divina. Por este motivo, as pessoas não podem se encher de impulsos íntegros a menos que sejam remidas e capacitadas pelo Espírito Santo. Mas, se as pessoas estão naturalmente inclinadas para o mal, e isto de modo contínuo, como é possível que sequer se voltem para Deus?

João Calvino respondeu esta pergunta dizendo que algumas pessoas são simplesmente eleitas por Deus para a salvação e outras não. Wesley respondeu a esta pergunta dizendo que o Espírito Santo está em ação em todos os seres humanos para ajudá-los a abrir suas almas para Deus. A salvação não é para uns poucos escolhidos, mas para todas as pessoas. A salvação é possível porque o Espírito Santo está em ação neste nível preparatório (graça preveniente) em todos os seres humanos.

O Espírito Santo e a justificação

O Espírito Santo também está presente para nos ajudar a ter fé no amor perdoador de Deus em Jesus Cristo. Deus já fez tudo o que é necessário para nos perdoar. Mas nem sempre aceitamos facilmente a extraordinária e maravilhosa graça perdoadora através de Jesus Cristo crucificado. O Espírito Santo nos ajuda a arrepender e a receber agradecidamente a ação de Deus para nos purificar. E, é claro, baseado na Escritura, Wesley sustentava que a graça justificadora ou perdoadora de Deus tornava-se acessível pela poderosa ação sobrenatural em Jesus Cristo crucificado e ressurreto.

O Espírito Santo e o novo nascimento

De acordo com Wesley, o novo nascimento é o início da retidão interior ou do que ele chamou de santidade interior. No momento em que somos justificados — isto é, perdoados — Deus entra em nossas almas e as recria. Paulo tinha isto em mente quando afirmou: *“E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”* (2 Coríntios 5:17). Certa ocasião, Wesley disse que o tipo de poder criativo usado por Deus na criação do mundo era o mesmo usado na conversão de uma alma ou na produção de um novo nascimento. Esta afirmação sugere o grau de importância que Wesley atribuía à recriação (novo nascimento) pelo poder do Espírito com o propósito de viver a nova vida de retidão.

Esta recriação não pode ser realizada pela nossa própria força. Pelo fato de sermos pecadores e nos afastarmos de Cristo e das coisas de Deus, somos ineficientes para resolver nossos próprios problemas morais e espirituais básicos. Wesley enfatizava vigorosamente a universalidade do pecado e o fato de que existe em cada um de nós uma força gravitacional que nos afasta do Reino e da justiça de Deus. Assim, necessitamos de uma transformação na própria essência do nosso ser. Jesus estava ciente desta fraqueza humana básica quando disse a Nicodemos: *“Importa-vos nascer de novo”* (João 3:7).

Se fôssemos totalmente corretos por natureza, não precisaríamos nascer de novo. Se pudéssemos nos tornar corretos diante de Deus por meio da cultura, da polidez e da educação, não precisaríamos nascer de novo. A Bíblia ensina que necessitamos da ação sobrenatural de Deus para este novo nascimento de que Jesus e Paulo falaram e que João Wesley enfatizou. O Espírito Santo entra misteriosamente em nossas almas para recriá-las através do poder e da presença do Cristo vivo.

Conheço algumas pessoas que falam dos *“cristãos nascidos de novo”* de maneira um tanto despreocupada. Mas não devemos deixar que tal discurso desvie nossos pensamentos da profunda realidade da poderosa ação de Deus na

recriação de nossas almas para um viver cristão reto e produtivo. Nós nascemos de novo não por meio de nossa própria ação, mas pela assistência e poder do Espírito Santo que traz aos nossos corações a presença do Cristo ressurreto.

Wesley definiu o novo nascimento da seguinte maneira:

“É a grande mudança que Deus opera na alma quando ele a traz para a vida; quando a ressuscita da morte do pecado para a vida de retidão” (Works, Volume VI, página 71).

Se perguntarmos que tipo de mudanças exatamente ocorrem em nossas almas através desta maravilhosa ação do Espírito Santo no novo nascimento, encontramos um bom número de respostas. Para começar, Jesus Cristo está no comando de nossas vidas. Em segundo lugar, adquirimos um novo senso de direção e propósito. Percebemos que Deus tem um plano para nossas vidas e que nos tornamos parte desse plano. Nossos padrões e valores mudam. Coisas que antes pareciam importantes são colocadas de lado e começamos a viver por um sistema totalmente novo de prioridades e valores. Adquirimos um novo sentimento em relação às pessoas à nossa volta, começando com as da nossa própria família. Cresce dentro de nós o poder de um novo sentimento, uma nova capacidade de amar os outros e apreciá-los por aquilo que são e por aquilo que foram. Assumimos uma nova postura em relação à economia ou gasto do dinheiro. Neste aspecto adquirimos um senso de responsabilidade não apenas por nossas famílias e por nós mesmos, mas também pelo envolvimento apropriado de tempo e dinheiro em relação às necessidades de outros seres humanos.

Adquirimos paz e alegria interiores. Sei que os cristãos enfrentam lutas e problemas tanto quanto os outros. Mas, em todo este processo, Cristo oferece uma paz e uma alegria interiores que o mundo não pode dar. Formamos novos hábitos. Começamos a obedecer a ordem de Deus a que oremos regularmente e participemos fielmente do culto. A oração intercessória torna-se uma parte de nossa experiência diária. Recorrer às palavras da Escritura torna-se um hábito. E temos um senso de destino porque sabemos que iremos para o Reino dos céus depois desta vida.

O testemunho do Espírito

Wesley ensinou que todo cristão tem o alto privilégio de experimentar aquilo que foi conhecido historicamente como *“o testemunho do Espírito”*. Paulo disse que o Espírito testemunha ao nosso espírito de que somos filhos de Deus (Romanos 8:15-16; Gálatas 4:6-7). Todos nós temos muitos humores e variados graus de consciência da presença de Deus em nossos corações. Todo cristão tem o direito de passar, de quando em quando, pela experiência de saber, através do testemunho interior do Espírito Santo, que é filho(a) de Deus. Esta experiência é simplesmente a consciência direta e imediata do fato de que somos perdoados pela graça de Deus e que somos, de fato, seus filhos(as), recriados pela sua graça.

O Espírito Santo e a santificação

Após o novo nascimento, o Espírito Santo entra misteriosamente em nossas almas para capacitá-las a crescer na graça. É propósito de Deus que cada um de nós caminhe rumo à perfeição em amor a Deus e a outros seres humanos. Portanto, como disse Wesley, o novo nascimento é a porta para a santificação.

“Quando nascemos novamente, começa a nossa santificação, nossa santidade interior e exterior; e daí para a frente devemos crescer, gradualmente, ‘naquele que é o Cabeça’”. Depois Wesley acrescentou: “Uma criança nasce de uma mulher num instante, ou pelo menos num tempo bem curto. Depois disso ela cresce lenta e gradualmente, até que atinja a estatura de um adulto. De maneira semelhante, um filho de Deus nasce em curto tempo, senão em um instante. Mas é aos poucos que ele vai crescendo até atingir a plena estatura de Cristo” (Works, Volume VI, páginas 74-75).

O normal em um bebê recém-nascido é crescer. O mesmo acontece na vida espiritual. A doutrina da santificação expressa o princípio do crescimento espiritual pelo poder do Espírito Santo. De acordo com Wesley, a Bíblia ensina que o Espírito Santo é o único poder que pode dar continuidade ao que foi iniciado no novo nascimento. O crescimento cristão não é apenas um processo humano, mas uma realidade divina.

O cristão sempre enfrenta o perigo de se afastar ou de ter recaídas. A Bíblia nos adverte deste perigo do começo ao fim. Mas sabemos que o Espírito Santo está sempre presente para *“guardar o que lhe foi confiado até aquele dia”*. Assim, a mesma fé de que precisamos para a nossa justificação e novo nascimento também é necessária para a vida cristã que está em andamento. Nós vivemos, respiramos e crescemos espiritualmente pela graça através da fé. Por meio da fé recebemos as muitas bênçãos diárias que Deus nos dá graciosamente. Apesar de crescermos na graça pela fé, precisamos fazer a nossa parte. E a nossa parte consiste em orar, ler a Bíblia, partilhar da Ceia do Senhor, participar fielmente dos serviços de culto público, ouvir a Palavra do modo como é pregada, e nos dedicar às instruções de nossos líderes. E, mais importante que tudo, colocar em prática aquilo que sabemos que devemos fazer por nós mesmos e pelos outros. Porque *“a fé sem obras é morta”* (Tiago 2:26). Em resumo, devemos confiar e obedecer.

É preciso dizer mais uma palavra a respeito da oração. Deus nos ordenou que orássemos. Nossas mais profundas necessidades exigem que oremos. A oração de intercessão é indispensável ao verdadeiro crescimento cristão. Quando oramos pelos outros, nossas vontades se voltam para os seus interesses e necessidades. A oração de intercessão é uma das mais profundas forças motivadoras da justiça e das boas obras em todo o mundo. Por isso somos ordenados a entrar na vida de oração e pedir a Deus todas as coisas que o Cristo vivo gostaria que pedíssemos.

Sei que Wesley também cria na santificação como uma segunda obra definitiva da graça pela qual toda a alma interior de um ser humano é purificada pela ação sobrenatural do Espírito Santo. Existem cristãos hoje que seguem a herança wesleyana na ênfase deste modo particular de pensar a santificação. Se Deus age poderosamente nesta segunda obra definitiva de graça pela qual toda a alma interior é purificada, refinada e capacitada para a missão, então podemos dar glórias a Deus. No entanto, falando de maneira geral, Wesley enfatizava a santificação como um processo de crescimento cristão possibilitado pela iniciativa sobrenatural do Espírito Santo que permite que o Cristo vivo reine em nossos corações, e que enche nossas almas com o amor de Cristo.

Sabemos, pelos ensinamentos da Bíblia e pela experiência, que temos a tendência recorrente de nos tornarmos frios em nossa experiência cristã. Assim, todos nós precisamos de momentos de renovação e de nova dedicação. O Espírito Santo age em nós pessoalmente e através da Igreja para proporcionar momentos de renovação espiritual. Como em quase todo estágio da nossa vida cristã, o Espírito Santo entra em nós tanto repentina quanto gradualmente. A menos que experimentemos algumas coisas repentinamente, não estaremos aptos a experimentá-las de modo algum. A menos que experimentemos muitas coisas gradualmente, nossa vida cristã está fadada a ser superficial.

Por meio da ênfase wesleyana no Espírito Santo, aprendemos que a natureza do Espírito é agir com propósito. O Espírito Santo está voltado para algum lugar e deseja que o acompanhem. Para onde? Para a santidade interior que leva à santidade exterior, O Espírito Santo é a graça de Deus agindo, animando e movimentando-se dentro de nós como a disposição para amar. Assim, o Espírito traz o Cristo vivo para dentro de nossas almas e enche-as com a sua compaixão e interesse. Todas as pessoas, portanto, que são cheias do Espírito agem, necessariamente, no sentido de praticar todo o bem possível em favor dos outros. Assim como Jesus considerava precioso cada ser humano e se identificava como *“um dos pequeninos”* (cf. Mateus 25:40), assim também agimos através da presença do Cristo vivo.

CAPÍTULO 6

Movimentos Históricos **para a Renovação da Igreja**

O contexto bíblico

Durante os muitos séculos de herança hebraico-cristã, Deus proporcionou ao seu povo momentos de renovação espiritual. Deus percebia o quanto eles necessitavam de renovação porque freqüentemente se esqueciam da aliança, desobedeciam a Deus e seguiam seus próprios caminhos.

Estes momentos de despertar espiritual ocorreram primeiramente através dos profetas que chamavam o povo a renovar seu compromisso com Deus. Em sua época, o profeta Isaías mostrou o caminho quando viu *“o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo”* (Isaías 6:1). Isaías sabia que estava na presença do Deus absolutamente santo (Isaías 6:3). Ele viu sinais e maravilhas (Isaías 6:4). E disse: *“Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!”* (Isaías 6:5). Então Deus removeu a culpa de Isaías e perdoou seus pecados. E Isaías disse: *“Ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós?”* E Isaías respondeu: *“Eis-me aqui envia-me a mim”* (Isaías 6:7-8).

No início de seu ministério profético (que começou por volta de 742 a.C.), Isaías confrontou o povo de Judá com sua deslealdade religiosa, injustiça social e brutalidade, principalmente nas classes governantes. Ele proclamou o julgamento dos que ocupavam posições de poder. Mas levou esperança ao povo com a promessa de Deus de conceder uma nova vida a todos aqueles que esperam no Senhor (Isaías 40:31). Por trás do chamado de Israel a uma renovação espiritual estavam duas realidades: sua visão da inefável grandeza e santidade de Deus, e o seu senso das profundezas da pecaminosidade humana.

O profeta Jeremias (nascido por volta de 650 a.C.) disse ao povo que Deus iria puni-lo por sua desobediência. Ele foi preso e espancado por prever a queda de Jerusalém. Sua previsão realizou-se quando Jerusalém rendeu-se à Babilônia e o rei e muitas pessoas foram levados cativos. Jeremias não via a possibilidade de um retorno fácil ou rápido do povo que estava em cativeiro. Mas ele exaltou a

visão da chegada da *“nova aliança (de Deus) com a casa de Israel e com a casa de Judá”* (Jeremias 31:31). Pois o Senhor disse: *“Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus”* (Jeremias 32:38).

Para mencionar mais um profeta, Ezequiel foi um homem de muitas visões. Ele foi levado cativo para a Babilônia, juntamente com milhares de outros (por volta de 597 a.C.). Ele entendia este cativeiro como uma expressão do juízo de Deus porque o povo era constantemente desobediente. Entre as suas visões estava a do vale de ossos secos (Ezequiel 37:1-14). Os ossos secos representavam o povo de Israel, porque estava espiritualmente morto, perdido e sem esperança. Por isso Deus ordenou a Ezequiel que profetizasse aos ossos. E quando ele o fez, os ossos começaram a se juntar. Deus colocou tendões, carne, e pele sobre os ossos. Eles levantaram dentre os mortos e receberam nova vida, O mesmo deveria acontecer a toda a casa de Israel.

Deus falou através de Ezequiel, dizendo: *“Porei em vós o meu espírito e vivereis”* (Ezequiel 37:14). Aqui, mais uma vez a visão da renovação espiritual não deveria ocorrer por algo no interior dos seres humanos. Ao contrário, deveria ocorrer pelo poder do Espírito de Deus em ação na humanidade.

No Novo Testamento, vemos Deus em ação de maneiras especiais para o despertamento espiritual do povo. O principal foco está na maravilhosa obra de Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus. Assumiu outra expressão no corpo de Cristo (a Igreja) no Pentecostes. Ali, em cumprimento à profecia de Joel (Joel 2:28-32), os apóstolos e outras pessoas *“ficaram cheios do Espírito Santo”* (Atos 2:1-4).

Uma das grandes lições que aprendemos com este momento eterno no destino da humanidade é que ele não ocorreu de maneira inesperada. As pessoas foram preparadas para este acontecimento através das visões de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Joel e outros. Também pela fidelidade de Jesus Cristo à sua missão singular como o Filho de Deus, o Salvador, e o Inaugurador dos novos tempos do Reino de Deus. E também pelas experiências dos apóstolos enquanto andavam e trabalhavam com Jesus. Então, e só então, pôde ocorrer a súbita capacitação *“do alto”* (Lucas 24:49).

Não é por acaso que todos os esforços genuinamente cristãos de despertamento e renovação espiritual tenham se voltado para os modelos bíblicos, particularmente ao Pentecostes e às diretrizes do cristianismo apostólico. Quais foram os elementos essenciais do Pentecostes e do Cristianismo apostólico? Podemos alistar pelo menos sete elementos de suma importância:

- 1) a centralidade de Jesus Cristo, crucificado e ressurreto;
- 2) a iniciativa e o poder sobrenaturais do Espírito Santo;

3) a transformação e o absoluto comprometimento das pessoas com Jesus Cristo e o seu reino através da presença interior do Espírito Santo;

4) a poderosa proclamação do Evangelho e o ensinamento eficaz sobre o reino de Deus e a justiça;

5) as manifestações específicas do poder do Espírito Santo e as contínuas bênçãos através dele;

6) a reunião das pessoas numa comunidade de oração, fé e trabalho (o corpo de Cristo); e

7) a evangelização mundial.

Estes parecem ser os elementos essenciais naquele primeiro Pentecostes cristão e no cristianismo apostólico que o seguiu. Duvidamos que uma contínua renovação da Igreja possa ocorrer sem estas realidades divinamente estabelecidas.

Algumas recomendações e diretrizes primitivas

Até os apóstolos tinham instruções acerca dos perigos de se enfatizar *“sinais e prodígios”* (Atos 14:3) sem o contexto mais amplo do amor de Cristo. Paulo instruiu os cristãos de Corinto tanto sobre a importância quanto os perigos dos dons ou manifestações do Espírito (veja 1 Coríntios capítulos 12 a 14). Ele destacou que a principal missão do Espírito Santo é nos capacitar verdadeiramente para proclamar que *“Jesus é Senhor”* (cf. 1 Coríntios 12:3). A variedade de dons do Espírito é para a nossa união como cristãos — nunca para criar divisão entre nós. *“A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso”* (1 Coríntios 12:7).

É interessante observar que em 1 Coríntios 12:7-11 Paulo falou da manifestação do Espírito de várias maneiras. A única exceção tem a ver com os dons de cura. Com relação a todas estas manifestações do Espírito dentro do *“corpo de Cristo”* (1 Coríntios 12:27), Paulo sugere que nem todas as pessoas precisam ter os mesmos dons ou manifestações. *“Porventura são todos apóstolos? Ou todos profetas? São todos mestres? Ou operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? Entretanto, procura com zelo, os melhores dons”* (1 Coríntios 12:29-31).

Paulo mencionou especialmente o falar em línguas. Evidentemente esta prática estava causando problemas na igreja de Corinto (1 Coríntios 14:2-4). Então ele prosseguiu e disse com algum detalhe: *“Assim também vós, visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, para a edificação da igreja”* (1

Coríntios 12:12). Esta passagem sugere que uma das mais seguras manifestações do Espírito é a edificação da Igreja. Paulo acrescentou: *“Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós. Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua”* (1 Coríntios 12:18-19). Obviamente, Paulo estava se referindo ao que acontece dentro da igreja, onde a comunidade de oração e fé está reunida. Ao recomendar o *“caminho sobremodo excelente”*, ele passa ao seu grande capítulo sobre o amor (1 Coríntios capítulo 13).

Pouco tempo depois da época dos apóstolos, surgiu a necessidade de se estabelecer diretrizes com relação aos dons especiais do Espírito. A igreja, na sua melhor forma, sempre foi um movimento cheio do Espírito e, portanto, motivado pelo Espírito. Mas ela teve que lidar com as recorrentes tensões entre o método e a vitalidade, a estrutura e a dinâmica. Um documento do século segundo, o Didaquê, lidou com este problema. Ele foi escrito por um administrador da Igreja que concluía que a única maneira de preservar o poder do Espírito dentro da Igreja era fornecendo diretrizes. Os dons espirituais em geral, e a profecia em particular, poderiam ser falsos. O próprio Jesus advertiu contra falsos profetas (Mateus 7:15), mesmo quando eles mostrassem *“sinais e prodígios”* (Mateus 24:24). E sabemos que mesmo nos primeiros tempos *“muitos falsos profetas (saíram) pelo mundo afora”* (1 João 4:1-3).

Boa parte do Didaquê foi dedicada às instruções sobre como testar a autenticidade dos dons do Espírito. A maior responsabilidade por este teste foi atribuída aos diáconos e bispos. Jesus tinha afirmado o maior teste: *“Pelos seus frutos os conhecereis”* (Mateus 7:16). E João o tinha colocado da seguinte forma: *“Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus”* (1 João 4:2-3). Outras diretrizes foram confeccionadas pelos antigos credos. Mas estes diziam respeito às doutrinas ao invés dos dons do Espírito.

Alguns exemplos representativos dos movimentos de renovação

Algumas pessoas supõem que após os dias dos apóstolos muito pouca ênfase foi colocada sobre as manifestações ou dons especiais do Espírito. Mas isto é questionável. Por exemplo, Irineu (130?-200), que foi um grande teólogo cristão e defensor da fé, disse que o falar em línguas (glossolalia) era comumente praticado em várias igrejas. Observou que apesar de ele próprio não falar em línguas, muitos outros o faziam. E. Glenn Hinson, baseando suas conclusões em importantes estudos de Heinrich Weinel (1899) e outros, diz: *“No século segundo e início do terceiro... as evidências de glossolalia... desvinculada do Montanismo são substanciais”*.

Podemos nos referir ao Montanismo como um exemplo de movimento carismático primitivo de grande influência.

Começou por volta da metade do século segundo. Adquiriu este nome por causa de seu fundador, Montano. Sabemos muito pouco sobre ele. O antigo historiador da Igreja, Eusébio (260?-340?), disse que Montano era tomado por súbitos ataques, caía em transes, e falava em línguas desconhecidas. Afirma-se que ele teve sua primeira experiência deste tipo por volta de 156 d.C. Seus seguidores acreditavam que o Espírito Santo lhe fizera revelações especiais. Ele e duas mulheres notáveis, Prisca e Maximila, apresentavam-se como profetas. Houve conversões em massa. O movimento se espalhou até a África do Norte e Roma e ganhou um ímpeto considerável quando Tertuliano de Cartago (160?-230?) tornou-se um montanista e o mais famoso convertido ao movimento por volta de 200 d.C. Tertuliano foi um dos pais da Igreja mais cultos e respeitados.

Desde o início os montanistas sofreram oposição por parte de muitos líderes da Igreja. Esta oposição não se baseava na sua ênfase na presença e poder do Espírito Santo. Nem se baseava no falar em línguas. Ao contrário, baseava-se em duas coisas. Primeiro, os montanistas sofreram oposição porque acreditavam que o Espírito Santo levava os cristãos para além do Novo Testamento a uma nova dispensação. Afirmavam que o Espírito Santo fizera novas revelações através das experiências extáticas e das “*profecias*” de Montano. Acreditavam que os cristãos deveriam tornar-se órgãos passivos do Espírito que se manifestava através de dons especiais, principalmente através de visões e profecias. Proclamavam o “*novo tempo do Espírito*” e a iminente volta de Cristo. Queriam reavivar o sentido do imediatismo na igreja porque achavam que ela tinha perdido o sentido de expectativa. Eles não queriam se separar da igreja. Queriam reformá-la. Aceitavam as suas principais doutrinas, mas a sua ênfase nos dons do Espírito, principalmente a profecia, tornou-se um problema.

Segundo, os montanistas sofreram oposição por causa das rigorosas regras de conduta que, insistiam, deveriam ser aceitas por todos os cristãos. Estavam alarmados com a complacência dentro da igreja. Declararam que apenas suas práticas rigorosas eram as verdadeiras expressões da santidade bíblica. Insistiam em dias regulares de oração e jejum. Opunham-se a um segundo casamento. As mulheres deveriam usar véus. Um segundo arrependimento era negado. E a todo aquele que se afastasse era recusada sua readmissão. O fato é que muitas pessoas foram levadas ao Montanismo por causa de seu apelo à abnegação e pelo sentido das ações imediatas e específicas do Espírito Santo.

Após muitos anos de rumores, mentiras, denúncias, discussões e debates, o Montanismo foi oficialmente repudiado pela Igreja no século quarto.

Deus nos chama a aprender com a história. Como Robert Tuttle disse acerca do Montanismo: “*Este é um exemplo clássico de um movimento do Espírito que não sobreviveu ao seu tempo. Sua natureza sectária não desapareceu depois de ressaltar suas ênfases*”. Tuttle acrescenta: “*Mais uma vez, a eficácia de qualquer movimento do Espírito depende de sua habilidade para dar as mãos ao corpo principal uma vez que tenha ressaltado suas idéias ou o corpo principal tenha respondido de modo apropriado*” (Wind and Flame. Graded Press, 1978. páginas 46-47).

No século 12, Joaquim Fiore, vendo a situação desesperadora da Igreja, previu a iminente chegada da “Era do Espírito”. A Igreja decadente seria reavivada pelo Espírito Santo e o Evangelho seria levado por todo o mundo.

O movimento liderado por Francisco de Assis (1182-1226), com sua ênfase na pobreza e nos atos básicos de amor estava cheio do Espírito. Ele levou adiante a sua missão dentro do corpo principal da Igreja. Com o seu desenvolvimento, no entanto, passou a desviar-se freqüentemente de seu sentido original como movimento do Espírito.

Na Inglaterra, John Wycliffe (1324-1384) afirmava a suprema autoridade da Bíblia e liderava a tarefa de traduzi-la para a língua inglesa. No continente, muitas forças estavam em ação, preparando o caminho para Lutero e a Reforma Protestante. Lutero, Calvino e outros enfatizaram a obra do Espírito Santo no esclarecimento da Bíblia e na entrega da Palavra de Deus às pessoas. Ao mesmo tempo, faltava uma ênfase no modo como o Espírito Santo age, específica e diretamente, dentro das almas das pessoas. No entanto, a Reforma foi um movimento cheio do Espírito. Somente a presença do Espírito Santo seria adequada à recuperação do grande tema bíblico da justificação pela graça através da fé. Dizia-se que as boas obras fluíam do Espírito Santo.

Sob a influência de George Fox (1624-1691) e outros, os Quacres enfatizaram tanto a vida espiritual interior quanto a necessidade exterior de justiça econômica. Eles se opunham à escravidão e defendiam as causas dos pobres. Fox sentia-se freqüentemente iluminado pela Bíblia e pelo Espírito Santo. Seus esforços em favor da reforma social podem ser entendidos como consequência direta da presença do Espírito Santo em sua vida.

Um exemplo de um outro tipo de movimento do Espírito aconteceu sob a liderança do conde Nicolau L. von Zinzendorf. Depois de se formar na Universidade de Haile, estabeleceu, na sua propriedade na Morávia, em 1724, uma comunidade de cristãos refugiados. Chamou-a de Herrnhut, que significa “*Os vigias do Senhor*” (veja Isaías 62:1, 6, 7). Entre os que participavam de sua comunidade havia morávios, reformados, e católicos. Zinzendorf teve dificuldade para organizá-los num corpo unido. Mas após quatro anos de brigas entre as facções, em agosto de 1727 a comunidade experimentou um batismo do Espírito Santo durante um culto de comunhão. Tornaram-se uma comunidade unida de oração incessante (24 horas por dia) por toda a Igreja bem como uns pelos outros. Por volta desta mesma época, ocorreu, nos Estados Unidos da América, um movimento que foi chamado de “*O Grande Despertar*”. Lembramos que George Whitefield (1714-1770) — que influenciou Wesley a pregar ao ar livre — foi para a América e pregou em muitos lugares. Suas pregações e as de Jonathan Edwards (1703-1758), juntamente com as de outros, provocaram o Grande Despertar.

O reavivamento wesleyano

Devemos considerar agora, com mais detalhes, um dos mais notáveis movimentos do Espírito Santo para a renovação da Igreja. Ele ocorreu sob a liderança de João Wesley (1703-1791) e foi chamado de reavivamento evangélico do século 18. Já vimos, no capítulo 5, que Wesley enfatizava a obra do Espírito Santo em cada estágio da vida cristã. O amor está no centro desta vida. E este amor nasce em nós pela graça de Deus através do Espírito Santo.

Em seu sermão sobre “*O Testemunho de Nosso Próprio Espírito*”, Wesley disse:

“A ‘graça de Deus’ deve ser entendida, às vezes, como aquela amor gratuito, aquela misericórdia desmerecida, por meio da qual eu, um pecador, pelos méritos de Cristo, sou agora reconciliado com Deus. Mas aqui (2 Coríntios 1:12), significa aquele poder de Deus, o Espírito Santo, que efetua em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13) (The Works of John Wesley, Volume 1, Abingdon Press, 1984, página 309).

Fica claro que a visão de Wesley era a de que a graça de Deus é a ação do Espírito Santo dentro de nós. Frequentemente Wesley enfatizava o tema de que o Espírito Santo é a vida de Deus dentro da alma humana. Esta vida é a disposição para amar.

Wesley sabia que as pessoas são pecadoras e que, mesmo depois de sua conversão, correm o perigo constante de se afastarem do seu Senhor. Desta forma, a nova vida em Cristo só é possível por meio do fluir do Espírito Santo para dentro das pessoas. Somente assim nascemos para o amor, crescemos em amor e buscamos a perfeição em amor.

João Wesley viajou cerca de 250 mil milhas — a maior parte delas sobre o cavalo e pregou mais de 40 mil sermões. Carlos Wesley pregou muitos sermões e compôs milhares de hinos, dando, assim, muitas contribuições significativas ao reavivamento evangélico do século 18. Mas nenhum destes fatos impressionantes explicam totalmente o despertar espiritual que ocorreu na Inglaterra. Quais foram os principais fatores em ação sob a inspiração do Espírito Santo? Sugiro pelo menos seis fatores.

1. A ênfase forte e equilibrada na autoridade e finalidade da Bíblia como Palavra viva de Deus foi aceita como único guia final na doutrina e na prática. É claro que Wesley sabia que a Bíblia deveria ser interpretada e que cristãos igualmente dedicados poderiam chegar a interpretações diferentes de certas passagens. Um dos mais importantes auxílios para a interpretação da Bíblia é a nossa experiência cristã; isto é, aquilo que se confirma no decorrer de nossas vidas como cristãos.

E, é claro, Wesley acreditava que a tradição e a razão são elementos que auxiliam a compreensão da Bíblia. Ele bem sabia que nós ignoramos, com risco próprio, a grande herança do cristianismo. Além disso, ele apelava às pessoas para que usassem a razão que receberam de Deus para interpretar a Escritura. É especialmente interessante que John Milton, em sua obra *Paraíso Perdido*, tenha retratado Satã em oposição tanto ao amor quanto à razão. Pois, como disse Milton, o amor “*tem seu fundamento na razão*” e ao mesmo tempo “*refina os pensamentos*” (Livro 8, linhas 589, 91).

2. O Espírito Santo entrou nos corações das pessoas para capacitá-las a assumir um compromisso pessoal com Jesus Cristo. O Salvador não era apenas uma figura distante, mas uma presença experimentada. Em outras palavras, um fator muito importante no reavivamento evangélico foi a ênfase na religião experimentada. Deus prometeu esta cristandade como “*um princípio interior*”, e todos precisavam dele. Wesley disse: “*E entendo ser esta a mais forte evidência da verdade do Cristianismo*” (Letters, Volume II. Epworth Press, 1931, página 383).

3. O Espírito Santo agia através do viver disciplinado do povo chamado metodista. Wesley sabia, tanto quanto qualquer outro, que o Cristianismo vital não poderia existir sem disciplina. No início, ele tendia a um legalismo rigoroso. Mas após a experiência do coração aquecido, ele passou a enfatizar a graça de Deus como princípio motivador — o Espírito Santo no interior das pessoas. A oração, o estudo bíblico, as boas leituras, a participação em sociedades e pequenos grupos (de seis a dez pessoas) conhecidos como “*bands*”, o partilhar das dificuldades alheias, a intercessão, a participação regular no sacramento da Ceia do Senhor, o serviço resoluto aos que passavam necessidade eram elementos que faziam parte da vida disciplinada dos metodistas. Com que fim? A santidade interior e exterior; isto é, a dinâmica interior do amor e a sua expressão exterior em boas ações. Wesley disse que o Sermão do Monte (Mateus capítulos 5 a 7) e o texto em 1 Coríntios 13 fornecem o retrato de um cristão. “*O Cristianismo promete que este caráter será meu, se eu não descansar até obtê-lo*” (Letters, Volume II, página 381).

O talento de Wesley nunca esteve tão evidente quanto em sua capacidade de organizar seus seguidores em sociedades e “*bands*” que aceitavam o viver disciplinado. Para isso ele baseou-se nos apóstolos e antecipou muito do que é dito hoje acerca do crescimento da Igreja. Ele percebeu que para a maioria das pessoas, a disciplina deveria ir além da auto-disciplina para chegar a uma disciplina de grupo. Assim, Wesley assumiu pessoalmente a responsabilidade pela disciplina dentro das sociedades. Estas sociedades eram seus principais centros para ensino da doutrina metodista. O Espírito Santo usou estes grupos organizados como um maravilhoso meio para despertar, nutrir e motivar as pessoas. Ali os novos convertidos se reuniam após a conversão (justificação e novo nascimento). Ali eram ensinados que deveriam continuar no caminho cristão por meio da ação interior do Espírito Santo rumo à perfeição no amor.

4. Um outro fator no reavivamento wesleyano — freqüentemente negligenciado ou minimizado era o pregar e o cantar. Wesley e seus pregadores

proclamavam o Evangelho. Wesley orientava seu raciocínio de modo que compreendessem as grandes doutrinas da justificação pela fé e do novo nascimento. Ele e seus pregadores ensinaram estas doutrinas, pregaram e cantaram sobre elas. Expressavam suas experiências de alegria e louvor enquanto cantavam juntos.

5. O Espírito Santo levou o povo chamado metodista não apenas a sentir, mas a fazer. Estas pessoas foram estimuladas pelo Espírito a ajudar as pessoas que passavam necessidade. O Espírito Santo usou o serviço comunitário como um meio de motivar o reavivamento evangélico wesleyano.

6. O Espírito Santo inspirou os metodistas com sua viva esperança nos céus. Os ensinamentos bíblicos a respeito do grande plano de Deus de propiciar a vida eterna a seus filhos libertam as pessoas do desespero, levam-nas a regozijar na presença do seu Senhor ressurreto, e as estimulam às boas obras. Como Carlos Wesley escreveu:

*“A ele nossos concordes corações damos
ele que poder e paz nos dá;
e mortos ao pecado seus membros vivem
a vida de justiça;
Nossa é a misteriosa vida de Cristo
Com ele no céu oculto,
E provando os poderes celestiais,
banqueteamo-nos no seu amor”.*

CAPÍTULO 7

O Movimento Carismático Contemporâneo

Temos ouvido dizer que o movimento carismático contemporâneo é o mais importante sinal de renovação na Igreja em todo o mundo hoje. Isto ainda precisa ser confirmado. Mas uma coisa é certa: milhões de cristãos em todo o mundo, incluindo os das igrejas tradicionais, estão sentindo a influência do movimento carismático.

Neste capítulo apresentarei as seguintes informações: (1) as definições dos termos carismático e movimento carismático; (2) uma breve afirmação histórica; (3) um resumo das principais ênfases do movimento carismático; (4) alguns problemas; e (5) uma comparação entre o movimento carismático contemporâneo e a ênfase wesleyana no Espírito Santo.

Definições

A palavra carismático vem da palavra grega *charisma*, que significa dom. O termo movimento carismático refere-se, portanto, àqueles grupos de cristãos que enfatizam certos dons ou manifestações especiais do Espírito Santo além do dom da salvação. Estes dons ou manifestações são aqueles a que Paulo se referiu em 1 Coríntios 12:4-11. Numa esfera mais ampla, incluem outras listas encontradas nos escritos de Paulo (veja Romanos 12:6-8; Efésios 4:11-13).

Uma breve afirmação histórica

Vários movimentos carismáticos ocorreram ao longo da história cristã. Mas, com exceção do movimento conhecido como Montanismo — que foi discutido no capítulo anterior — relativamente pouco foi relatado a respeito deles. Por exemplo, depois de 250 d.C. o dom de falar em línguas raramente foi mencionado nas obras dos líderes da Igreja. Por volta do século quarto ele era virtualmente desconhecido por Crisóstomo (345?-407) na comunidade grega e por Agostinho (354-430) na comunidade latina. Ambos tendiam a aceitar que o dom de línguas para mencionar um dom em particular era um sinal especial nos primeiros dias do Cristianismo, porém que não era mais útil.

Até os escritores da Idade Média deixaram poucas evidências de cristãos falando em línguas. Desde então, grupos isolados no século 17 e 18, incluindo os jansenistas (uma ordem católica de santidade), os quacres, os shakers, e outros, afirmavam o dom de línguas. Mas não fizeram dele um aspecto central da sua

experiência. Menciono o falar em línguas não por que esteja no centro do movimento carismático, mas apenas como ilustração.

Devemos notar — como disse João Wesley — que o silêncio dos escritores a respeito dos dons especiais do Espírito Santo não significa que estes dons não ocorressem. Afinal de contas, muitas experiências com a presença e poder do Espírito Santo ocorreram sem que fossem registradas, tanto hoje como no passado. Pense nos milhões de cristãos na América Latina, África, Ásia, Europa e América do Norte hoje que experimentaram derramamentos incomuns do Espírito Santo. Quantas destas experiências e destes testemunhos foram realmente registrados em obras?

Historicamente, grupos de cristãos afirmaram, de tempos em tempos, que o Espírito Santo estava agindo em suas vidas de maneiras inegáveis. O reavivamento wesleyano foi sem dúvida um movimento do Espírito entre as massas da Inglaterra. Seu principal foco estava no poder do Espírito para transformar as vidas das pessoas e colocá-las no caminho da retidão. A ação do Espírito Santo foi sentida não apenas em indivíduos, mas nos indivíduos dentro de pequenos grupos que compartilhavam do desejo de se libertarem da “*ira vindoura*” (1 Tessalonicenses 1:10) e de estarem bem com Deus e com outros seres humanos. Em resumo, o objetivo do reavivamento wesleyano era experimentar e espalhar a santidade bíblica.

Nos Estados Unidos, um tipo de movimento de santidade com ênfase wesleyana no Espírito Santo acentuava a santificação como uma segunda ação definitiva da graça. A idéia básica era de que Jesus Cristo tinha muito mais a oferecer do que um novo começo (perdão e novo nascimento). Este “*mais*” era a contínua presença do Espírito Santo purificando a alma e tornando-a santa.

Por exemplo, Charles G. Finney, um presbiteriano que foi influenciado pelos ensinamentos de Wesley a respeito da santidade, pregou e ensinou que todo cristão deveria esperar e experimentar o contínuo poder do Espírito. Ele nasceu na América, em 1792, um ano após a morte de Wesley, e foi o primeiro a popularizar o termo “batismo do Espírito”. Ele foi um dos mais importantes líderes do movimento de santidade que enfatizava a santificação como uma segunda ação definitiva da graça. Ao mesmo tempo, Finney estava consciente da inadequação do entusiasmo dos encontros de campo quando não acompanhados por uma teologia forte, pela preocupação social e pelo envolvimento na igreja local. Uma de suas mais importantes preocupações era com a prática da oração. Ele era um líder nos movimentos de oração de sua época.

De um lado estava o movimento de santidade com ênfase wesleyana — acentuando o poder definitivo do Espírito Santo que leva à santidade pela fé. Aqui a ênfase estava na santificação como uma segunda obra definitiva da graça sem grande interesse em outros dons especiais do Espírito Santo, como o falar em línguas.

De outro lado estava o movimento pentecostal, que devia pouco à herança wesleyana. Este movimento começou nos Estados Unidos em 1900. Os grupos pentecostais começaram por enfatizar o *“batismo no Espírito”* com forte ênfase no falar em línguas como sinal necessário do batismo. Também demonstraram uma abertura a outros dons do Espírito tais como a cura, a profecia e o exorcismo de espíritos malignos.

Desde o início, estes primeiros grupos pentecostais tendiam a ser contrários à educação superior e teológica para os ministros. Eles acreditavam que o Espírito Santo inspiraria os ministros e outros líderes no que dizer e os guiaria no que fazer. Além disso, havia a prática da cura espiritual sem o auxílio de médicos. Os pentecostais acreditavam que a confiança nos recursos médicos era um sinal seguro da falta de fé. Eles consideravam os estudos acadêmicos desnecessários. Na realidade, acreditavam que tais estudos interferiam na livre movimentação do Espírito. Estas crenças separaram as igrejas pentecostais das igrejas tradicionais, nas quais as instituições de educação superior e de medicina eram aspectos notórios de seu serviço no mundo. Um outro fator de divisão foi a insistência no falar em línguas como um sinal necessário do batismo no Espírito.

No entanto, hoje o movimento pentecostal, apesar de suas muitas igrejas diferentes e até mesmo independentes, é uma importante força dentro da cristandade contemporânea. A estimativa é de que cerca de dois a três milhões de cristãos nos Estados Unidos são membros de igrejas pentecostais onde o falar em línguas é praticado. Por causa de seu alcance missionário, o movimento pentecostal tornou-se, nesse país, parte da realidade carismática mundial. A maior igreja local protestante do mundo é uma igreja carismática coreana com mais de 200 mil membros.

O movimento carismático, que enfatiza os dons especiais do Espírito Santo, tornou-se visível mais recentemente na forma do neopentecostalismo (o pentecostalismo dentro das igrejas protestantes e católica romana). Ele difere dos movimentos pentecostais anteriores em muitos aspectos. Permite a formação superior e aceita ministros formados. Aceita tanto a oração quanto a medicina em associação ao sistema total de libertação e cura de Deus. Tenta evitar a divisão pela ênfase na centralidade de Cristo, na supremacia do amor cristão e na importância do espírito ecumênico. Estas diferenças significam, entre outras coisas, que no movimento carismático contemporâneo, as pessoas que experimentam certos dons especiais do Espírito não se consideram superiores às que experimentam os dons universais do Espírito — fé, esperança e amor. Nem consideram qualquer dom especial do Espírito essencial à salvação.

Em nível local, este movimento carismático enfatiza o *“batismo no Espírito”*, seguido por dons ou manifestações especiais do Espírito tais como o falar em línguas, a cura, o discernimento e assim por diante. É dada ênfase especial ao dom da cura, que é dado tanto àqueles que são agentes de cura de Deus quanto aos curados. Outros dons, de acordo com 1 Coríntios 12:4-11, também são reconhecidos. Um importante aspecto do neopentecostalismo é a ênfase na

centralidade de Cristo e nas principais virtudes cristãs — fé, esperança e amor. As orações de intercessão e louvor são aspectos inerentes da realidade carismática contemporânea. O movimento também é marcado pela paixão pela evangelização mundial.

Dentro das igrejas tradicionais o movimento carismático contemporâneo com vários milhões de adeptos — funciona em pequenos grupos de pessoas que se encontram para estudo bíblico, oração intercessória, e cerimônias de louvor e cura. Estas pessoas participam e apóiam fielmente, com suas orações, ações e dons, os programas de suas igrejas locais. Ocasionalmente, muitas igrejas tradicionais celebram cultos de cura que são freqüentemente planejados de acordo com as tradições das denominações específicas. Por exemplo, muitos cultos de cura incluem o sacramento da Santa Ceia bem como sermões apropriados, hinos de louvor e rededicação, orações e a imposição das mãos. O movimento encoraja o compromisso com as igrejas locais como determinado por Deus. De tempos em tempos, os cristãos envolvidos com este movimento carismático contemporâneo se reúnem em grandes conferências regionais, nacionais e internacionais. Nestas conferências, eles entoam cânticos de louvor, assistem a palestras notáveis, reúnem-se em estudos bíblicos, participam das orações de intercessão e de cerimônias de cura.

Uma das maiores comunidades carismáticas nos Estados Unidos é um grupo ecumênico chamado Comunidade da Palavra de Deus. É a sede mundial da Renovação Carismática Católica e está sediada em Ann Arbor, Michigan.

Resumo das principais ênfases do movimento carismático

No âmbito teológico, os grupos carismáticos contemporâneos dedicam especial atenção à classificação e interpretação dos tipos de dons do Espírito a que Paulo se referiu. Estes dons incluem os dons orais (profecia, fala e interpretação de línguas); dons de entendimento (discernimento de espíritos e necessidades, conhecimento, sabedoria); dons de poder (fé, milagres, curas); dons de ministério (apóstolos, evangelistas, pastores, mestres); dons administrativos; e dons de edificação do corpo de Cristo. (Sobre todos eles veja Romanos 12:6-8; 1 Coríntios 12:4-11; 1 Coríntios 14:1-5; 1 Coríntios 14:9-12 e 26; Efésios 4:4-13.) Todos aqueles que possuem profundidade teológica concordam com a idéia de que a variedade de dons do Espírito é para a edificação do corpo de Cristo e a capacitação para a evangelização mundial. É claro que, juntamente com Paulo, todos os cristãos devem desejar sinceramente os *“mais altos dons”* (1 Coríntios 12:3 e capítulo 13).

Quais são as principais características do movimento carismático contemporâneo? Não é fácil responder a esta pergunta porque o movimento contém muitos movimentos. No contexto do que já foi dito, os movimentos carismáticos que tenho em mente sustentariam os seguintes entendimentos:

a) Todos os grupos cristãos necessitam urgentemente do poder renovador do Espírito Santo;

b) este poder está disponível agora de maneiras específicas, e deve se esperar milagres;

c) estes milagres ou manifestações especiais do Espírito Santo são para a bênção das pessoas, para a edificação da Igreja e para a capacitação para a missão;

d) mais especificamente, alguns destes dons importantes são a fala e a interpretação de línguas; a cura do corpo, mente e espírito; o ensino e a pregação com poder profético; orientação para o viver diário; e auxílio do Espírito Santo em todas os nossos interesses humanos, incluindo as necessidades financeiras e preocupações familiares; e

e) amplo uso do rádio, da televisão e de materiais impressos pelo movimento carismático nos Estados Unidos e Canadá.

Em todos estes exemplos, espera-se de cada participante que faça sua parte pela fé e obediência a Deus.

Entende-se que estes dons ou manifestações especiais do Espírito estejam acima do supremo dom da salvação. E estes dons estão em Jesus Cristo, através de Jesus Cristo e para Jesus Cristo e o seu Reino.

Concluo esta seção dizendo que não há teologia carismática. Há apenas uma teologia bíblica com ênfase nos dons ou manifestações específicos do Espírito Santo no aqui e agora.

Na minha opinião, existem duas contribuições importantes do movimento carismático ao mundo cristão de hoje:

1) a contínua convicção de que quando fazemos a nossa parte, o Espírito Santo age dinamicamente de maneiras específicas, já, dentro da comunidade de oração e fé, ajudando e abençoando as pessoas em toda área importante de suas necessidades espiritual, física, emocional, intelectual, interpessoal, econômica e financeira.

2) o Espírito Santo age em todos aqueles que obedecem ao chamado de Deus, capacitando-os agora, de maneiras específicas, para a missão e a evangelização mundial.

E ambas as contribuições confirmam, na experiência, a maravilhosa obra do Espírito e seu anseio por dar glórias ao Senhor Jesus Cristo.

Alguns problemas importantes

Consideremos agora três problemas importantes.

Primeiro, apesar de todos os esforços para se chegar ao amor e ao entendimento, sempre enfrentamos o problema da *divisão*. Isto resulta em parte das atitudes de muitos não-carismáticos que mantêm o que eu chamo de fortes preconceitos contra as afirmações daqueles que experimentaram certos dons ou manifestações especiais do Espírito Santo. Conseqüentemente, muitos cristãos carismáticos sentem-se pouco à vontade ou até rejeitados nas igrejas que amam. Assim, muitos cristãos profundamente dedicados que têm muito a contribuir sentem-se frustrados nas igrejas tradicionais. A maioria, no entanto, não se afastou por causa dessa situação.

Por outro lado, esta divisão resulta da atitude de superioridade que alguns cristãos carismáticos expressam de várias maneiras. Às vezes eles insistem em modificar a forma de culto nas igrejas locais tradicionais de que são membros. Querem mais informalidade e abertura ao movimento do Espírito nos cultos regulares. Muitos gostariam que estes cultos se tornassem ocasiões para se erguer os braços em louvor a Deus, para se falar em línguas e para a cura. Os problemas surgem nas igrejas tradicionais quando estas coisas são praticadas em oposição à maioria dos membros.

O problema aqui está radicado principalmente na insistência por parte dos cristãos carismáticos de que todos que são verdadeiramente cheios do Espírito Santo receberão necessariamente dons especiais do Espírito Santo, tais como o falar em línguas, as experiências de cura, bênçãos financeiras, e assim por diante.

Um segundo problema está relacionado com a *interpretação dos ensinamentos bíblicos*. Paulo deixa claro que aqueles que são cheios do Espírito podem receber dons especiais do Espírito, incluindo o falar em línguas. Mas o centro do ensinamento bíblico é que a principal missão do Espírito Santo é glorificar a Jesus Cristo como Senhor. Todo aquele que está cheio do Espírito do Cristo vivo está, na realidade, cheio do Espírito Santo. Todas estas pessoas expressarão o amor de Cristo que Jesus resumiu no Sermão do Monte e que Paulo expressou em 1 Coríntios 13.

É compreensível que a pessoa que recebe um dom especial do Espírito suponha que aquilo que sentiu deveria ser experimentado por todos os cristãos. Mas isto é contrário à Escritura. Além disso, é contrário à experiência de muitos cristãos. Relativamente poucos recebem o dom de línguas. Nem todos são curados. Nem todos são libertados de uma difícil situação financeira. Nem todos são libertados da escravidão dos relacionamentos interpessoais rompidos. Ao mesmo tempo, todos nós que afirmamos o nome de Jesus Cristo deveríamos ser gratos pelos milagres recebidos e pelas bênçãos reivindicadas. Pois certamente

tudo o que verdadeiramente traz libertação em nome daquele que veio para colocar em liberdade os cativos é de Deus.

Menciono mais um problema. Alguns cristãos carismáticos correm o risco de perderem o chamado de Deus para se tornarem membros da igreja. O plano de Deus é levar adiante a obra de Jesus Cristo através da comunidade de oração e fé que carrega o seu nome. Jesus deixou isto bem claro na sua ordem: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”* (Mateus 28:19). O batismo é o sacramento da incorporação no corpo de Cristo — a Igreja. O Espírito Santo expressou isto ao unir os primeiros cristãos no Pentecostes. Paulo entendia que a sua missão — sob a inspiração do Espírito Santo — era pregar o Evangelho, ensinar e converter as pessoas no corpo de Cristo.

Em algum ponto aqui encontramos a explicação para as muitas denominações carismáticas e igrejas carismáticas independentes no cenário do mundo cristão contemporâneo. Certamente o sentido mais profundo do chamado do Espírito Santo à unidade em todos os lados teria levado a esta amplitude de entendimento cristão que Paulo expressou tão bem. Depois de se referir aos vários dons ou manifestações do Espírito, Paulo disse: *“Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas cousas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente... Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo... E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”* (1 Coríntios 12:11 e 13). E *“assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros”* (Romanos 12.5).

Wesley e o movimento carismático contemporâneo

Wesley sempre foi aberto às manifestações do Espírito. Ele acreditava na sua contínua presença e atividade. Ele insistia que o duplo teste da validade de qualquer experiência cristã é a Escritura e os resultados práticos. Ele comentava, com aprovação, certas manifestações incomuns do Espírito em seus dias. Creio que ele faria o mesmo se vivesse 200 anos mais tarde.

Wesley se juntaria à maioria dos cristãos carismáticos que considera a Bíblia o único fundamento supremo da crença e da prática cristãs. Mais uma vez, Wesley se alegraria com quase todos os cristãos — protestantes, independentes e católicos igualmente — que crêem que o Espírito Santo continua a agir dentro de nós após a conversão, batismo e confirmação.

Wesley reconhecia a realidade dos dons especiais do Espírito Santo apesar de nunca afirmar ter recebido qualquer um deles. De acordo com Wesley, as ações especiais do Espírito, após o arrependimento, justificação e novo nascimento, estavam disponíveis a todos os cristãos. Estes movimentos do Espírito tinham como objetivo produzir o testemunho e a santidade interiores. Por

meio do testemunho interior, o Espírito testemunha aos nossos espíritos que passamos da morte à vida e que agora somos verdadeiramente filhos de Deus. Além disso, o Espírito enche os cristãos com o amor de Cristo e os leva agora ao que Wesley chamou de perfeição cristã. Wesley considerava que sua ênfase na perfeição cristã fazia parte da grande herança da religião cristã. Ele sentia pela experiência e proclamava em sua pregação a soberana graça do Espírito Santo pela qual temos a disposição para amar. A soberana graça do Espírito e a disposição para amar são inevitavelmente expressas na ação.

O movimento carismático contemporâneo difere dos ensinamentos de Wesley por enfatizar os dons especiais do Espírito sem focalizá-los primeiramente na santidade. Os dons ou manifestações especiais do Espírito são para a alegria interior no Senhor, para a cura física e emocional, para bênçãos financeiras e outras. Não estou dizendo que os cristãos carismáticos contemporâneos não estão interessados na retidão e santidade. Eles estão. Mas para Wesley o foco de sua crença na soberana presença e poder do Espírito Santo estava na santidade de vida à qual todo cristão é chamado. A grande paixão de Wesley era a santidade interior e exterior. Todos os cristãos deveriam lutar por este estado com a confiante expectativa de que aquilo que jamais alcançariam por sua própria força, lhes seria concedido pela graça de Deus — isto é, pela infusão sobrenatural do Espírito Santo. Pois esta é uma expressão direta da soberana iniciativa e graça de Deus.

Vemos na vinculação de Wesley à igreja um outro ponto de contraste. Apesar de seus *“bands”* (pequenos grupos) e sociedades começarem como formações do tipo sectário, ele sempre quis que eles estivessem intimamente ligados aos sacramentos e ordens da Igreja. Wesley entendia que a sua missão incluía a renovação da Igreja através do poder do Espírito.

Wesley teria se alegrado com muitas manifestações do poder do Espírito no movimento carismático contemporâneo. Ele teria conclamado a todos os cristãos a que buscassem a santidade interior e exterior que vem através da abertura disciplinada e obediente ao Espírito. Não foi por acaso que um de seus principais temas tenha sido expresso por meio de palavras da Escritura: *“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”* (Hebreus 12:14).

CAPÍTULO 8

O Espírito Santo e a Responsabilidade Social

Algumas pessoas supõem que o interesse do Espírito é nos dar a alegria e paz interiores e nos preparar para o Céu. Outras supõem que a principal função da graça de Deus é afetar nossa conduta ética de modo que nos tornemos reformadores sociais. Em quase todas as gerações de cristãos, foram travadas lutas entre aqueles que enfatizavam a salvação pessoal e aqueles que reforçavam o ministério aos pobres, aos doentes e aos necessitados. Por exemplo, Charles G. Finney e Phoebe Palmer (uma mulher metodista que foi líder nos reavivamentos que ocorreram em Nova Iorque em 1857) criam que as reformas sociais ocorreriam automaticamente após a conversão dos indivíduos.

Um bom exemplo histórico foi a questão da escravidão. Apesar dos esforços de moderação dentro do Metodismo — esforços envidados pelos bispos Asbury, McKendree, e outros — esta questão acabou por dividir a Igreja. O próprio Wesley foi bem claro sobre esse assunto e lutou contra a escravidão como uma das instituições mais cruéis. Este é um outro exemplo de como a sua ênfase na santidade interior e exterior realmente funcionava. Até onde sei, qualquer área importante da necessidade humana de que Wesley estivesse consciente despertava nele uma reação. Ignorância, pobreza, doença, solidão, o sistema carcerário, alcoolismo, escravidão, guerra — estas e outras preocupações estavam em seu coração.

Por que insistimos que o Espírito Santo está diretamente relacionado com as reformas sociais? Porque a Bíblia ensina que Deus é dinâmico. Deus quer que seus objetivos sejam atingidos. Estes objetivos envolvem o bem-estar das pessoas. O Espírito Santo não age com uma energia sem propósitos. Ele age para abençoar as pessoas, para ajudá-las a experimentar o que Jesus prometeu, isto é, que teriam vida e vida em abundância (João 10:10). O Espírito Santo age para proporcionar a saúde do corpo, da mente e do espírito. Ele anseia que todos os seres humanos da terra desfrutem desta dignidade e destes direitos fundamentais sem os quais as pessoas não podem ser livres nem felizes.

O problema é que a escravidão humana é causada não apenas por aquilo que os indivíduos causam a si mesmos por meio dos maus hábitos e do mau viver. A escravidão humana é causada também pelos males sociais. Isto é, deriva de estruturas sociais que precisam ser transformadas, modificadas para a glória de Deus e a bênção das pessoas.

Dois erros básicos

Vejo dois erros básicos no que diz respeito à presença e poder do Espírito Santo.

Um deles é a idéia de que o Espírito Santo afeta a vida interior e não está muito preocupado com as ações que atingem as forças mais amplas da História. O outro erro é a idéia que o Espírito Santo, na realidade, nada mais é que a paixão pela reforma. O primeiro leva à alegria e paz interiores, às devoções particulares, e à submissa aceitação da sorte de cada um na vida. O segundo leva a ações como aquelas praticadas por instituições sociais sem muito interesse na presença dinâmica do Espírito Santo, que motiva os cristãos tanto a ganhar as pessoas para Jesus Cristo como a defender as causas da justiça e da liberdade.

A questão aqui, fica clara no mundo contemporâneo, quando refletimos sobre a guerra e a paz. As destruições provocadas pela guerra no Líbano (para mencionar apenas um lugar) e pela ação terrorista esporádica — tão vividamente retratadas na televisão — deixam claro que o Espírito Santo e a guerra estão em lados opostos. Sabemos, é claro, que quando as pessoas sofrem ataques externos ou internos elas revidam. Assim, quando o Espírito Santo está presente dentro de nós — isto é, quando Jesus Cristo verdadeiramente reina — devemos fazer o que pudermos para evitar as ocasiões de guerra. De que adianta falar da saúde do corpo e do espírito, da vida abundante, do lar e da família, quando bombas e balas estão matando e aleijando as pessoas e destruindo as propriedades que elas lutaram tanto para adquirir?

Por outro lado, os defensores da reforma social tendem a perder de vista aquilo que é mais importante, isto é, ganhar as pessoas para Jesus Cristo e nutrir-las na fé. No interesse da libertação, negligenciam freqüentemente a proclamação do Evangelho que leva à salvação. Muitos indivíduos que defendem as causas da justiça, da paz e da humanidade não se interessam em descobrir como ganhar as pessoas para Jesus Cristo ou como nutrir-las no viver cristão.

A coisa mais importante

Qual é a coisa mais importante que pode acontecer às pessoas? É entrar num relacionamento vivificante com Deus através de Jesus Cristo. Este relacionamento as capacita a experimentar a alegria de retornar ao Deus que as criou, e o privilégio de servir no seu Reino. Esta experiência é grandemente enriquecida quando os que são encontrados por Deus se unem aos outros no corpo de Cristo. Então a oração e o louvor — nos lares e fora deles — adquirem um novo sentido. Na verdade, a contínua experiência de sentido, dignidade e destino de vida só pode ser alcançada desta maneira.

Apesar de os famintos serem alimentados, os nus serem vestidos e os doentes receberem cuidados médicos, estas obras, embora úteis, são totalmente inadequadas a menos que as pessoas sejam apresentadas a Cristo e reunidas na

comunidade de oração e fé. Por quê? Porque sem esta comunidade nós as teremos privado da maior de todas as bênçãos: o vivificante relacionamento de fé com Deus. A evangelização mundial é a prioridade máxima. É a suprema missão a que Jesus chamou seus discípulos; e é a maior convocação para o nosso tempo.

Assim, a ação em favor dos outros não se resume a ministrar às suas necessidades físicas. Pensar assim é insultar os seres humanos por entender que nada mais são do que entidades físicas. A luta pela alma das pessoas é uma ação social. Parte de nosso objetivo de ministrar às suas necessidades físicas é capacitar-lhes a abrir suas vidas à glória de Deus em Jesus Cristo. Com o tempo, a comunidade é mais enriquecida e abençoada quando as pessoas são reunidas em igrejas, escolas e hospitais duradouros onde os benefícios de Cristo podem ser experimentados de geração a geração.

A tradição da passividade

As tradições podem ser boas ou más; ou uma mistura dos dois. Uma tradição dentro do Cristianismo que teve efeitos trágicos é aquilo que chamo de *“tradição de passividade”*. Com isto quero dizer a crença, transmitida de geração a geração, de que não podemos, ou não precisamos, ou não devemos fazer qualquer coisa em relação aos assuntos mais amplos da vida comunitária.

Que assuntos mais amplos são estes? Estou falando das forças culturais, políticas, econômicas, institucionais e morais que afetam um grande número de pessoas numa comunidade, nação ou no mundo.

Aqueles que dizem que nada podemos fazer em relação a eles são fatalistas ou *“predestinacionistas”*. Em qualquer um dos casos, dizem-nos, as grandes questões, como as da guerra e da paz, da poluição, e dos direitos humanos, estão fora do nosso controle. Por isso dizem que nada podemos fazer em relação a elas.

Aqueles que dizem que nada precisamos fazer, entendem que de outra forma estaríamos mexendo com os assuntos de Deus. Em consequência, a partir de um falso senso de piedade, ficam surdos ao chamado do Espírito a um viver responsável na comunidade.

Esta tradição de passividade teve consequências trágicas. Até já se atribuiu à Bíblia, pela interpretação, a recomendação *“Não mexam”*. Certa vez ouvi um estudioso do Novo Testamento internacionalmente famoso, dizer que se deveria deixar a Igreja ser Igreja nas questões sociais mais amplas. Neste contexto ele insistiu que deveríamos ficar fora dos assuntos públicos e nos agarrar à oração e culto. Claro, nada é mais importante do que ganhar as pessoas para Jesus Cristo. Mas será que os cristãos não devem ter voz nas lutas pela justiça e pela dignidade humana?

Até Santo Agostinho, em seu livro *A Cidade de Deus*, disse, com efeito, que a ascensão e queda de impérios está nas mãos de Deus. E também as questões relativas à guerra e à paz.

Muitos cristãos acreditam que o fim do mundo está próximo. Assim, não precisamos e nem devemos nos preocupar com que acontece aqui e agora. Para que nos preocupar com a destruição nuclear, a poluição, a superpopulação ou o racismo, já que o Senhor voltará em breve? Nesta mesma linha de pensamento, muitos cristãos chegam ao ponto de dizer que o cenário mundial deve piorar cada vez mais antes de o fim chegar. Assim, por que nos preocupar?

Reconheço que a Bíblia fala claramente sobre o fim desta atual ordem temporal. Mas não diz quando. Jesus mencionou certos sinais (veja, por exemplo, Marcos capítulo 13). Mas também disse que nem ele mesmo sabia quando o fim viria (Marcos 13:32). O tema bíblico fundamental é o seguinte: no próprio tempo de Deus e a seu modo, esta atual ordem chegará a um fim e “*os novos céus e a nova terra*” (2 Pedro 3:13) se juntarão sob o soberano senhorio de Jesus Cristo.

Quando? Não sabemos. Sabemos apenas que não está de acordo com a natureza de Deus fazer um magnífico começo das coisas na criação, entregar maravilhosamente a Jesus Cristo para a nossa redenção, e depois deixar que tudo termine em nada. Cremos que o fim deverá ser igual ao começo. Assim, cremos não simplesmente no final, mas na consumação. No tempo de Deus, e ao seu modo, Jesus Cristo retornará em toda a sua glória e reinará sobre todas as coisas. Seu nome está acima de qualquer nome. Mas quando estas coisas acontecerão? Não sabemos, pois Deus não revelou. Nossa parte consiste em estarmos prontos e a fazermos a obra de Deus enquanto estivermos aqui.

Jesus advertiu que nestas questões “surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos”. E acrescentou: “Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito” (Marcos 13:22-23).

Nada aqui deve nos imobilizar. Deus nos chama a seguir com ele rumo à terra prometida aqui e agora. E enquanto tivermos vida e fôlego devemos fazer boas obras, pelo poder do Espírito, para que as pessoas possam louvar a Deus porque percorremos este caminho.

O correto entendimento de Wesley

Parece-me que Wesley tinha um entendimento correto ao insistir na santidade interior que leva à santidade exterior (ação). Ele estava interessado em ganhar as pessoas para Jesus Cristo unindo-as em pequenos grupos de apoio espiritual mútuo. Ele as conclamou a mudar as situações em que as pessoas viviam. Ele e sua equipe de trabalhadores iam às prisões para pregar, ensinar e levar roupas, alimentos e roupas de cama aos prisioneiros. Ele ajudava as pessoas a arranjar emprego. Dava-lhes bons materiais para ler. Wesley fez mais

que qualquer outro homem no século 18 para esclarecer as massas por meio da boa leitura.

Os cristãos são levados pelo Espírito Santo a fazer tudo o que puderem para se opor à corrupção nos governos. Como podem eles estar contentes quando tantos políticos eleitos, em quase todos os níveis, são acusados de corrupção? Como podem os cristãos ignorar as enormes fraquezas nos processos de justiça criminal? Que língua pode relatar os desastres que ocorrem nas vidas humanas e nas famílias por causa do álcool, tráfico de cocaína e outras drogas? Algumas destas tragédias são relatadas nos meios de comunicação; milhões de outras estão registradas apenas nas lágrimas, na amargura, na tristeza e desespero de mães e pais, irmãos e irmãs, parentes e amigos.

O Espírito Santo não nos leva a fazer tudo o que pudermos, através da oração e do conselho sábio, para nutrir casamentos cristãos e a vida em família? Esta também não é uma questão simples. Há quase duas décadas, ouvi um educador cristão dizer que em dez anos a instituição do casamento chegaria a um fim. Devemos seguir este absurdo? É claro que não.

De todos os serviços sociais que podem ser prestados em nome de Jesus Cristo, nenhum é mais importante do que ajudar a criar lares cristãos. Um casamento é um acontecimento. O casamento e a vida familiar cristã são realizações alcançadas pela graça de Deus.

Muitas coisas dão errado na vida familiar por causa de imperfeições da natureza humana, tais como o contínuo mau humor, um colapso do caráter, ou o fracasso no cultivo de uma vida espiritual conjunta. O verdadeiro lar cristão tem início com o arrependimento e o novo nascimento. Deste início ele passa a um contínuo crescimento na graça dentro do corpo de Cristo.

O Espírito Santo nos leva a cuidar das crianças e jovens, começando em nossas próprias famílias. O Espírito não nos deixará fechar nossos ouvidos ao choro das crianças famintas, doentes e necessitadas em todo o mundo.

As questões e necessidades sociais de hoje são tão grandes que nos oprimem como cristãos. Temos os inegáveis problemas do racismo, do sexismo, do uso de drogas, da super-população, da poluição, do crime, da pornografia e da enorme mediocridade (baixaria) nos programas de televisão. O ócio (desemprego) é um problema permanente. E pense na ganância que lança as pessoas umas contra as outras. Não podemos deixar de perceber que na base da maioria dos males da sociedade está a disposição em fazer quase tudo por dinheiro. O dinheiro é uma necessidade. Mas Cristo nos chama a ganhá-lo e usá-lo de maneira responsável. Será que estes e outros problemas não são do interesse de Deus?

Uma implicação do Evangelho é que refletamos, em espírito de oração, sobre estas questões sociais, de modo que nossas mentes e corações, transformados

pelo Espírito Santo, possam influenciá-las. Estes males colocam algumas obrigações especiais sobre os ombros de muitos cristãos que, por força de seu cargo ou posição na sociedade, podem exercer a liderança nos assuntos públicos. Certamente, os cristãos são chamados a concorrer a cargos públicos e, quando eleitos, demonstrar o amor de Deus.

As grandes personalidades da Bíblia, como Davi, assumiam freqüentemente papéis de liderança nos assuntos da comunidade. A ética cristã do amor exige que nós, hoje, sigamos seus exemplos. O Espírito Santo movimenta-se sempre dentro de nós para lutar pelas melhores coisas de Deus para cada ser humano. Somente por meio deste esforço podemos atender à oração do nosso Senhor:

*“Venha o teu reino,
Faça-se a tua vontade,
Assim na terra como no céu”.* (Mateus 6:10)